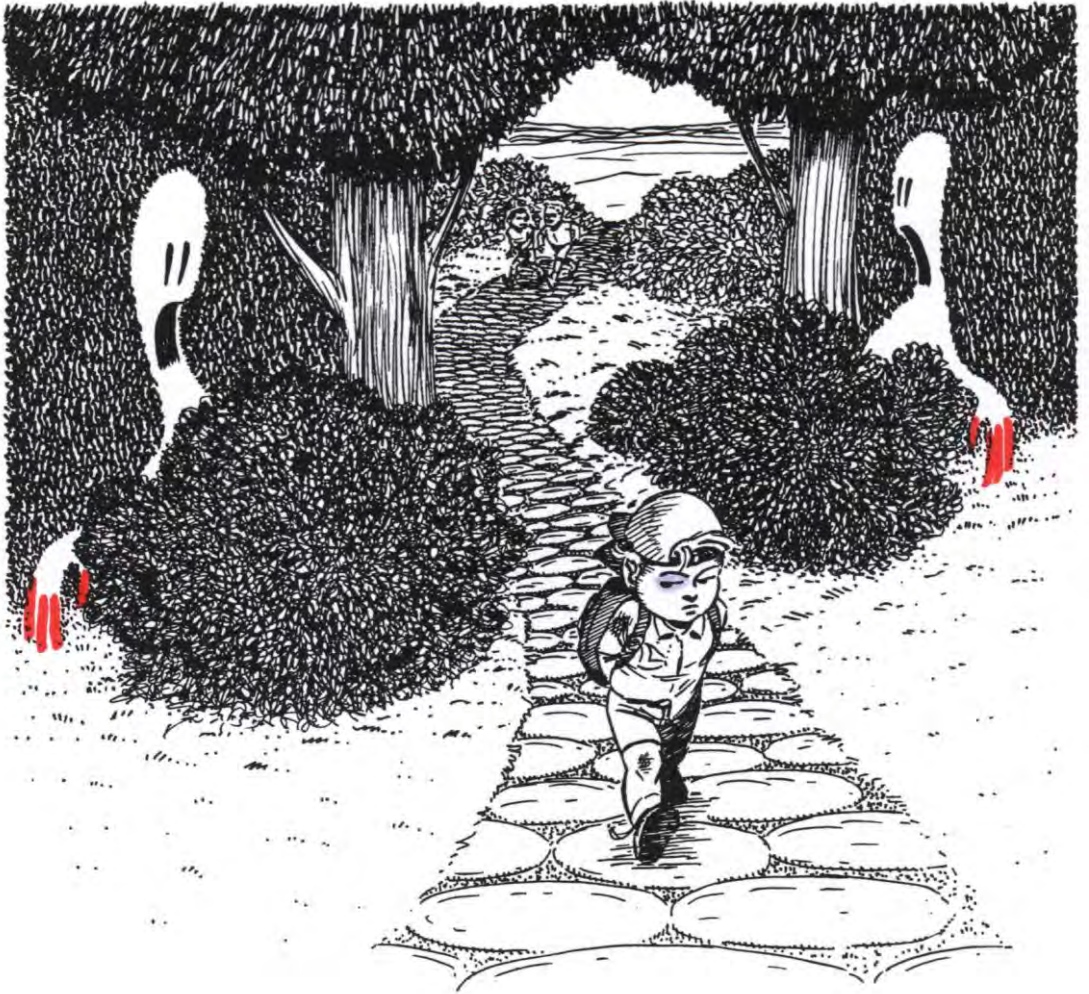


127



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 18

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Pêssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

X-Men Extra (Panini) (MB) 20 – R\$ 7,00 * **Liga da Justiça** (Panini) (B) 87 – R\$ 7,00 * **World of Warcraft** (Panini) (MB) 2 – R\$ 5,00 * **Pernalonga** (Panini) 2 – R\$ 4,00 * **Graphic Globo** (Globo) (B) 8 – R\$ 7,00 * **Aline + Otto + Pedro** (Devir) (MB) – R\$ 15,00 * **Kiki A Primeira Vez** (Devir) (MB) – R\$ 15,00 * **Alice no País das Maravilhas** (On Line) (MB) 3 – R\$ 5,00 * **Almanaque Moranguinho** (On Line) (B) 2 – R\$ 5,00 * **Heróis do Futuro** (Press) (B) 4 – R\$ 5,00 * **Espada Selvagem de Conan** (Abril) (B) 66 – R\$ 5,00 * **WildStar** (Abril) (MB) 1 a 4 – R\$ 20,00 * **Slash** (Abril) (MB) 1 a 3 – R\$ 15,00 * **Cable – Sangue e Metal** (Abril) (MB) 1 e 2 – R\$ 10,00 * **Brigada** (Abril) (MB) 1 e 2 – R\$ 10,00 * **Um Conto de Batman – Shaman** (Abril) (MB) 1 a 5 – R\$ 25,00 * **X-Men Adventures** (Abril) (B) 1 a 4 – R\$ 20,00 * **X-Men Adventures II** (Abril) (B) 1 a 4 – R\$ 20,00 * **Clássicos Disney** (Abril/1990) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Edição Extra** (Abril) (B) 98 – R\$ 5,00 * **Big Disney** (Abril) (MB) 3 – R\$ 10,00 * **Tio Patinhas Férias** (Abril) (MB) 3 – R\$ 3,00 * **Zé Carioca Férias** (Abril) (MB) 3 – R\$ 3,00 * **Mickey Férias** (Abril) 3 (MB) – R\$ 3,00 * **Aventuras de uma Criminóloga** (Mythos) (B) 43, 65 – R\$ 5,00 c/ * **Tex Gigante** (Mythos) (MB) 23 – R\$ 15,00 * **Conan – Os Hinos dos Mortos** (Mythos) (B) 1, 4 – R\$ 5,00 c/ * **Humor de Placa – Dorinho** (B) – R\$ 10,00 * **O Que Vier Eu Traço – Cláudio** (R) – R\$ 15,00 * **Revista de Cultura Vozes** (Vozes) (R) 9 (1973) – R\$ 10,00 * **Cadernos de Jornalismo e Comunicação** (Jornal do Brasil) (R) 35 (artigo sobre Ferdinando) – R\$ 10,00 * **Colecção Jaguar** (Portugal Press) (B) 7 – R\$ 15,00 * **Colecção Pantera Negra** (Portugal Press) (B) 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10 – R\$ 10,00 c/ * **Colecção Galo** (Portugal Press) (B) 5, 6 – R\$ 10,00 c/ * **Colecção Herói** (Portugal Press/formato maior) (B) 2, 3 – R\$ 10,00 c/ * **Colecção Lince** (Portugal Press) (B) 7, 8 – R\$ 10,00 c/ * **Colecção Modernos da BD** (Portugal Press) (B) 2, 6 – R\$ 10,00 c/ * **Mundo de Aventuras** (2ª série) (B) 223, 227, 237 – R\$ 10,00 c/ * **Mistérios Sexuais vol. 2** (Portugal Press) (B) – R\$ 10,00 * **Lá Vem a Mafalda de Novo** (Dom Quixote) (B) – R\$ 10,00 * **Colecção 16x22 – Snoopy e os Gatos** (Meribérica/Liber) (R) – R\$ 10,00 * **Capoeira Negro** (Júpiter II) 1 (MB) – R\$ 3,00 * **Dragão Especial** (Trama) 18 (B) – R\$ 10,00 * **Aventuras dos Tapalhões** (Abril) 41 (P) – R\$ 2,00 * **O Caçador de Crocodilos** (Luiz Gê) (MB) – R\$ 15,00 * **Vilões – Mini Book** (Escala) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Pasquim 21** (MB) 95, 96 – R\$ 5,00 c/ * **Grandes Figuras** (Ebal) 12 (R) – R\$ 5,00 * **Cabocla** (Ebal) (R) – R\$ 5,00 * **Yoga em Quadrinhos** (Ediouro) (R) – R\$ 5,00 * **Arte Nove 8** (B) – R\$ 4,00 * **Os Quinze de Piracicaba** (MB) – R\$ 15,00.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 127 MAIO/JUNHO DE 2014

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (12) 3941-6843 – 2ª a 5ª feira, após 20h.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

EDITORIAL

Desta vez, consegui, o “QI” saiu depois do bimestre a que se refere. Ou será, desta vez não consegui que o “QI” saísse dentro do bimestre a que se refere? Resumindo, atrasou mesmo. Mas nem de longe é o maior atraso que já consegui (?) com o “QI”.

O importante (espero) é que o “QI” chega às mãos dos leitores com 28 páginas cheias de textos e informações.

A seção ‘Mistérios do Coleccionismo’, que prometia ser especial, acabou não saindo, por vários motivos. Pode ser que saia melhor do que o esperado. Não prometo, mas pode ser que eu cumpra.

Quem estava contando com um novo encarte, apesar dos meus avisos de que não seriam regulares, sinto muito. Já tem coisas engatilhadas, mas o tiro ainda não saiu. Para salvar a honra da firma, o quinto capítulo de ‘Buster’.

A participação no ‘Fórum’ foi bem ativa, assim como grande o número de Edições Independentes divulgadas.

Boa leitura!



ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

contém o encarte “Buster” 5.

VISG

Edgard Guimarães

Marcos Fabiano Lopes enviou a ilustração do herói brasileiro Visg mostrada ao lado.

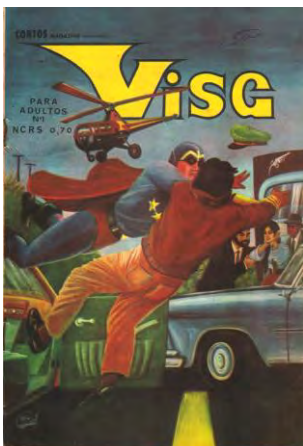
Segundo Eduardo Cimó, em **Fã-Zine** nº 18:

“Visg é um herói mascarado, com duas anteninhas, um uniforme azul com capa vermelha e três estrelas no peito. Ele usa um chapéu e um capote com as golas escondendo o rosto quando não está em ação. Teve sua revista própria publicada pela Jotaesse Editora nos anos 60, e é uma produção do estúdio “2 na Arte”, e o desenhista assina M.R. Candia. Numa mistura de Batman, Visg tem um avião próprio e o Visg-Car, e vive na planície amazônica.”

Lancelott, em seu **Catálogo de Heróis Brasileiros**, registra:

“O Visg foi publicado em 1968 em uma única edição, **Visg** nº1 pela Editora Jotaesse e depois, em 2002, numa homenagem de Watson Portela no **Último Vôo Livre**, juntamente com outros super-heróis da mesma década, assinando roteiro e arte como Barroso. A arte original da primeira publicação foi no traço simples de M.R. Candia, produzido nos estúdios da D-Arte. Na década de 60, em virtude da hegemonia dos comics, aqui influenciando massivamente as nossas criações, fenômeno de amplitude global, produz em nosso meio vários personagens que se referenciam aos ícones americanos... Visg surge nessa década. Visg tem o Visg-Car, o Visg-Avião... por vezes, sai às ruas de sobretudo, óculos a la Kit Walker... Mas, sem demérito algum, Visg é um super-herói brasileiro, que, como toda criação, tem base nos mitos, arquétipos antigos, que são puramente vôos livres da mente humana...”

As informações de Cimó e Lancelott dizem bastante sobre o personagem Visg, farei apenas alguns comentários para completar as informações disponíveis. Na primeira página da história há o dizer ‘uma produção do estúdio “2 na Arte”’, aparentemente é outro estúdio e não o famoso D-Arte de Zalla e Colonnese. A arte é atribuída a M.R. Candia, mas a assinatura, tanto na capa como na primeira página da história é bem confusa, apenas por ela não dá para dizer o nome do autor. Na primeira página ainda há o acréscimo de um ‘Ran’, que talvez tenha ajudado nos desenhos ou feito arte-final. A primeira história de Visg é mesmo bastante fraca, tanto argumento como desenho e o próprio ritmo da aventura, bastante truncada. As influências de Batman e Fantasma são inequívocas, tanto no uso de carros e aviões personalizados, na cópia do sobretudo de Kit Walker, como em algumas poses do personagem em ação. Mas, nesse particular, o das poses, a influência de Alex Raymond continua imbatível. Na questão dos super-poderes, no entanto, Visg tem um que corre entre o original e o excêntrico: “quando Visg ergue os braços, levanta sua capa, os raios de luz da vigia atravessando o tecido da capa transforma-se num fluido paralisante, imobilizando o bandido...” Além disso, “Visg comprime o botão de seu cinto e o campo magnético emanado cessa a energia elétrica, apagando as luzes”. Novamente o herói usa sua capa para paralisar os bandidos e nos 3 quadros seguintes “ataca então furiosamente, pondo todos fora de ação”. Mas os bandidos não estavam imobilizados? Pelo que se entende, Visg aproveitou que eles não podiam reagir e desceu o cacete. Essa história trouxe pelo menos uma ideia interessante, embora bastante calcada no Fantasma. Quando se deseja entrar em contato com o herói, um chamado é feito através das ondas de rádio, mas aparentemente na forma de uma interferência em rádios comerciais, “... você já terá ouvido o sinal, muitas vezes, quando seu rádio começa a dar uns assobios estranhos...” e o quadrinho mostra um ouvinte dizendo uns palavões diante do aparelho de rádio.



COPA CAMPEÃO!!!

Segundo levantamentos oficiais a Copa do Brasil 2014 é a mais cara da história!! Enquanto a Copa da Alemanha de 2006 custou R\$ 10,7 bilhões a da África do Sul 2010 foi de R\$ 7,3 bilhões a Copa do Brasil 2014 vai superar os R\$ 33 bilhões!! Em comparação as duas últimas edições os gastos do Brasil supera os 300%!!!

Olha pai que legal a Copa nem começou e o Brasil já está ganhando!!

LUIZ FARIA

FIFA WORLD CUP BRASIL

MAMÃE o que significa esse monte de mãozinhas no logotipo da Copa???

Significa que estão metendo a mão na Copa minha filha!!!

LUIZ FARIA

O SÁBIO...

Mesmo hoje em dia com tantos avanços tecnológicos, fácil acesso a cultura, informação e educação. Ainda tem muita gente fazendo coisas estúpidas!!

ALGUMAS DELAS SÃO: Acreditar em tudo que passa na T.V.

Ligue agora, porque somente o valor de uma ligação de celular para Curitiba, mais impostos e concorrência R\$ 5.000.000,00 em prêmios!!!

É hoje que eu saio da miséria.

ENTRAR PARA AQUELA TORCIDA ORGANIZADA.

Ahhh... BOONNN... CRACK... SOC...

TATUAR O NOME DE SUA NOVA PAIXÃO.

Mooorr, tatuel seu nome na minha barriga.

LUIZ FARIA

QUADRINHOS BRASILEIROS BISSEXTOS

UAI!!

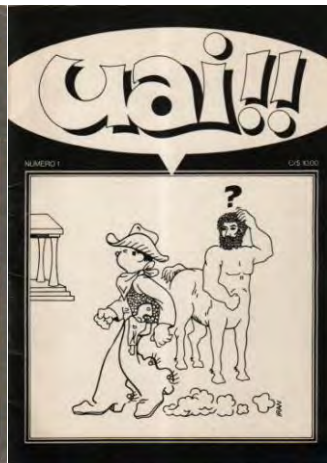
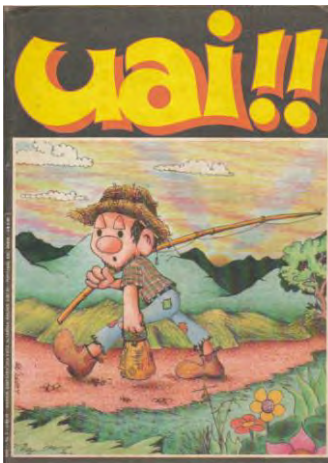
Edgard Guimarães

A publicação de HQs no Brasil, apesar de tudo, é muito rica e sempre se encontram exemplos admiráveis. Esta coluna fará o registro de algumas dessas edições inusitadas, quase sempre de circulação restrita.

Consegui recentemente, por acaso, uma edição mineira de Histórias em Quadrinhos com o sintomático título **UAI!!**. O nº 0 saiu por volta de 1975, no formato meio ofício, 36 páginas, com capa colorida e tiragem, segundo o expediente, de 10 mil exemplares. A revista foi produzida por um seletivo grupo de autores, constando no expediente como Diretores Responsáveis os nomes de Eduardo Luppi, Fausto Hugo Prats, Iran Machado de Oliveira, José Ronaldo Lima, Mário Reis do Vale e Nilson Azevedo. Outros colaboradores participaram da revista.

A capa trouxe uma ilustração de Luppi representando o típico mineiro rural e o mesmo tipo é representado na ilustração da página 2, assinada por Ricardo. Esta imagem do caipira nas duas ilustrações não tem nada a ver com o conteúdo da revista, composto basicamente de quadrinhos urbanos intelectualizados e contestadores, bem no espírito, que havia na época, de resistência ao quadrinho importado e contestação ao regime político.

A revista trouxe basicamente Histórias em Quadrinhos de poucas páginas, com predominância do formato tira, mas também trouxe cartuns e ilustrações. Além dos nomes mencionados no expediente como responsáveis pela revista, participaram da edição Roberto Wagner, Lor, Benjamin, Roberto Moreno, Baía e Gilberto. Alguns autores seguiram a carreira e se tornaram nomes conhecidos dos Quadrinhos brasileiros. Lor é autor de **Retrato Falado**, uma obra-prima da HQB. Benjamin fez sucesso nos salões de humor da época com seu traço detalhista feito com caneta esférogáfica. Fausto Hugo Prats participou do concurso realizado pelo **Gibi Semanal**, onde suas tiras foram publicadas. Nilson Azevedo criou pelo menos duas tiras memoráveis, *Negrim do Pastoreio* e *Caravela*. E os nomes menos conhecidos produziram trabalhos interessantes,



tanto no traço como no tema. Além dos nomes mencionados, a revista trouxe mais dois colaboradores cujos nomes não puderam ser identificados pelas assinaturas. Um deles produziu uma HQ desconcertante, *Cora*, onde várias meninas se oferecem sexualmente para Bernado, um molestatador meio indeciso, que encontra seu fim nas garras dos cidadãos de bem. Na página 4, numa seção chamada *Nostalgia*, uma amostra do trabalho de Ziraldo publicado na revista *Era Uma Vez...* em 1953. Na 4ª capa, um artigo de José Ronaldo Lima sobre Fanzines no mundo.

A revista **UAI!!** teve um segundo número, o nº 1, nos mesmos moldes, porém com capa em preto e branco. O texto na página 2 diz que o nº 0, que teve tiragem de 1000 exemplares e não os 10 mil informados no expediente, teve ampla divulgação da imprensa e, apesar de colocado à venda em apenas 5 bancas e 3 livrarias, vendeu tudo. O nº 1, segundo o expediente, foi feito com 3000 exemplares. Talvez não tenha tido a mesma sorte, pois não tenho notícia do nº 2.

O segundo número trouxe praticamente a mesma equipe do primeiro, com destaque para Nilson, com vários trabalhos, as tiras *Magrelo*, *Pery a Perigo* e HQ de *Negrim do Pastoreio*. Os demais colaboradores foram Roberto Moreno, Luppi, Fausto Hugo Prats, Iran, Mário Vale, Lor, Roberto Wagner, mais a estreia de Artur e Melado. Na 3ª capa, na seção *Nostalgia*, uma amostra da HQ *Zabelinha*, de Heitor Cardoso, publicada na revista **O Guri** na década de 1950. E a 4ª capa trouxe novo artigo de José Ronaldo Lima sobre Fanzines no mundo.

A revista **UAI!!** é um bom exemplo de uma iniciativa de um grupo de idealistas que, sem acesso às publicações profissionais, tenta publicar por conta própria, e, mesmo com condições favoráveis, como atestado pela venda de toda a tiragem do número de estreia, não consegue manter a publicação. E o motivo não é a falta de qualidade dos trabalhos publicados.

COLEÇÃO CALAZANS

“Há artistas utilizando as conquistas narrativas e estéticas dos europeus, americanos e japoneses para fazer Histórias em Quadrinhos genuinamente nacionais. Flávio Calazans é uma dessas pessoas.”

Gian Danton (Ivan Carlo Andrade de Oliveira). Mestre em Ciências da Comunicação pela Metodista de São Bernardo, Professor da Universidade Federal do Amapá, Pesquisador de Histórias em Quadrinhos, Roteirista de Quadrinhos premiado (HQ Mix e Angelo Agostini), publicado nos USA pela editora Fantagraphics.

“Atomic Quadrinhos apresenta com muita satisfação a segunda edição do projeto MONSTROS dos Fanzines, estrelado por Flávio Calazans (...) um dos maiores talentos de todos os tempos e um gênio dos Quadrinhos.”

Marcos Freitas, na apresentação na página 6 do volumoso MONSTROS DOS FANZINES 2.

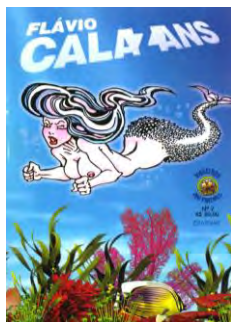
GUERRAS CALAZANISTAS

GUERRA DAS IDEIAS

27 episódios históricos mostrando as ideias autoritárias e libertárias da Mesopotâmia aos satélites, passando por Roma, Inquisição e diversos filósofos, em QUINTA edição publicada pelo Doutor Henrique Magalhães na Paraíba (editora Marca de Fantasia) – R\$ 12,00 – pedidos para editora@marcadefantasia.com.

GUERRA DOS GOLFINHOS

A polêmica ficção científica submarina sobre uma confederação política biotecnológica em guerra com duas Federações da superfície, já em SEGUNDA edição, também pela Marca de Fantasia – R\$ 12,00 – pedidos para editora@marcadefantasia.com.



FLÁVIO CALAZANS – MONSTROS DOS FANZINES 2

Marcos Freitas, de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), publica este álbum de 225 páginas homenageando Flávio Calazans, apresentando uma seleção feita por Marcos Freitas de 54 das 297 (duzentos e noventa e sete) Histórias em Quadrinhos Calazanistas catalogadas; ainda contém biografia de Calazans por Gian Danton, entrevista e capas da revista, do mimeógrafo ao offset, **Barata** (de 1979, publicada por mais de 20 anos), dos álbuns **Absurdo**, **Hora da Horta** e outros. Com cinco HQs INÉDITAS, e a série completa do POETA DOS PARADOXOS e TYLI-TYLI, HQs alquímicas, urbanas, de fadas e sereias, medievais do ciclo TREVATER BAL (desde 1977), políticas, e até as tiras ecológicas do jornal de Bertioga, TATUÍ. Publicado em DOIS formatos – formato A4: R\$ 60,00 e formato A5: R\$ 30,00 (mais R\$ 10,00 para despesas postais) – pedidos para fanzinesquadrinhos@gmail.com

MARCOS FREITAS DA SILVA – Bradesco – agência 3140-2 – c/c 9460-9

FLÁVIO CALAZANS

CONSIDERAÇÕES SOBRE FANZINES

Edgard Guimarães

Entrevista concedida a Kleber William Lourenção Gomes em outubro de 2012 para seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Qual o seu principal trabalho já realizado até hoje?

Em termos de publicação, é o fanzine “QI – Quadrinhos Independentes”, lançado em 1992 e ainda em circulação. Em termos de produção artística, é o livro em quadrinhos “Mundo Feliz”, publicado pela editora Marca de Fantasia.

Qual o seu maior sonho como fanzineiro?

Eu não diria “sonho”, mas o que um fanzineiro precisa, de modo geral, para exercer sua vocação, sem pedir favor a ninguém: - uma indústria gráfica que produza equipamentos e insumos a preços justos (sem a exploração que é o preço de toner para impressora laser, por exemplo); - um serviço postal com preço justo (o Correio é a empresa brasileira que teve maior aumento de preços desde o Plano Real); - e uma legislação autoral que proteja o autor sem impedir a difusão da informação.

Como você avalia os trabalhos realizados por fanzineiros nos dias atuais?

O fanzine, propriamente dito, ou seja, aquele que traz informações sobre determinado assunto, na área de quadrinhos, está reduzido a poucas publicações. Estas, no entanto, se mantêm em atividade regular. Os fanzines em geral, de assuntos variados, estão mais ativos, com uma rica produção e grande variedade de temas e recursos.

Na sua opinião, falta divulgação para os trabalhos de modo geral de todos os fanzineiros no Brasil?

O fanzine é uma produção amadora e pessoal, então as iniciativas de produção e divulgação devem caber mesmo ao editor. É claro que se houver incentivos públicos ou privados para a impressão ou a distribuição, isso é bem vindo, mas isso não pode comprometer a liberdade do editor. As vezes que Secretarias de Cultura promoveram eventos relacionados a fanzines, os resultados foram bastante animadores, então esta é uma área em que o Estado pode ajudar os fanzines.

Por que todo seu trabalho é realizado em Brasópolis?

Eu sou natural de Brasópolis e possuo residência lá. Mesmo trabalhando há mais de 25 anos em outra cidade, nos fins de semana eu sempre vou para Brasópolis, onde mantenho todo o material para produção de minhas publicações.

O que te inspira para começar a realizar um novo trabalho?

O número de ideias é sempre muito maior do que a capacidade de torná-las realidade. Então é preciso ir selecionando as mais práticas. Em termos de publicação, tenho me concentrado na produção bimestral do “QI”, onde publico, em capítulos, séries de HQs. Depois que estas séries são concluídas, publico o material completo em livro, ou por minha conta, como fiz com “Entendendo a Linguagem das HQs”, ou através da editora Marca de Fantasia, como fiz com “Mundo Feliz”.

Você já tem em mente um novo trabalho a ser realizado?

Recentemente iniciei a série “cotidiano alterado”. E em breve deverei começar um novo romance em quadrinhos, pois o que estou publicando atualmente no “QI” está se aproximando do final.

O que o Edgard como pessoa, gosta de fazer nas horas livres?

Na verdade, são as horas livres que utilizo para produção de fanzines e HQs. Além disso, tenho alguma participação na Academia de Letras e História de minha cidade.

Você já esperava que o seu trabalho fosse tão reconhecido?

O trabalho que faço, tanto em termos de publicação como de produção de HQ, tem um certo reconhecimento, mas por parte de uma parcela pequena de leitores que tem acesso a este trabalho. Um reconhecimento maior precisaria de uma maior difusão do trabalho, o que só é possível com uma estrutura maior (editoras profissionais ou incentivos públicos). Mais recentemente, as editoras profissionais têm dado mais atenção ao autor brasileiro e muitos têm publicado seus trabalhos.

Pelo que eu entendi o “QI” é uma espécie de enciclopédia que reúne todos os seus trabalhos, é isso mesmo?

O “QI” é um fanzine que comecei a publicar em 1992, destinado a divulgar as publicações independentes de quadrinhos feitas no Brasil. Com o tempo, foi incorporando outras finalidades, como discutir o tema História em Quadrinhos, publicar trabalhos de colaboradores, etc. Mais recentemente, o forte do “QI” é a publicação de textos sobre quadrinhos.

Daqui uns 10 anos, o que você espera dos seus trabalhos?

Meu propósito é ir produzindo, aos poucos, histórias em quadrinhos mais elaboradas, o chamado Romance em Quadrinhos (que é a mesma tal graphic novel), publicando os capítulos no “QI” e depois compilar todo o material em livro.

Em sua opinião, o fanzine pode complementar juntamente com os livros didáticos a educação na escola?

As escolas têm acordado para o uso mais intenso de ferramentas não convencionais para auxiliar o aprendizado e motivar os alunos para as tarefas curriculares. Isso não é novidade, no meu tempo havia muita atividade extra, como teatro, fanfarra, concurso de declamação, gincana de vários tipos, feiras de ciência, etc. A elaboração de atividades envolvendo fanzines certamente é bastante produtiva.

Quando e como descobriu que você tinha aptidão para se tornar escritor e criador de fanzines?

Escrever e desenhar vem da infância, do incentivo familiar e das obrigações escolares, como as redações (que eu não gostava de fazer, mas que desenvolveram a capacidade de escrever). Embora na juventude eu tenha escrito contos e crônicas, logo a escrita passou a ser específica para a História em Quadrinhos, a qual dediquei a maior parte de meu tempo livre. Ainda bem moço, veio a vontade de publicar em revistas profissionais, principalmente as de terror, onde havia maior liberdade criativa. Como o mercado sempre foi muito restrito e não consegui espaço em publicação comercial, o jeito foi publicar minhas próprias edições, o que só consegui após me formar na faculdade e começar a trabalhar (de onde veio o recurso financeiro para custear a impressão de minha primeira revista, chamada “Psiu”, em 1982).

Como fanzineiro, você obtém um bom retorno financeiro com os seus trabalhos?

A publicação amadora não dá retorno financeiro, muito pelo contrário, de modo geral, o editor banca a maior parte dos custos das edições. Quando a edição é mais simples, com poucas páginas, muitas vezes o editor nem cobra nada, envia gratuitamente para os leitores. Quando a edição é mais encorpada, normalmente o editor cobra o suficiente para cobrir custos de impressão e postagem. No início, o “QI” era gratuito, depois passei a cobrar um valor simbólico, e hoje o preço da assinatura cobre a maior parte dos custos.

Como é a relação dos seus familiares e os seus trabalhos já realizados?

Certamente minha família acompanha meu trabalho nesta área de produção de edições e quadrinhos, mas sem maior interação. Toda minha produção é um trabalho que realizo sozinho, como costuma ser na maioria das vezes.

Conte-me uma situação engraçada no qual você já passou para criar um de seus trabalhos?

Quando organizei a edição “Psiu Mudo”, em 1987, eu fiz a impressão na gráfica do Seminário na cidade de Pouso Alegre, pois eu conhecia o impressor, que já havia feito trabalhos para mim, e a gráfica do Seminário prestava serviços para terceiros. Quando fui buscar a revista impressa, notei que o impressor estava meio estranho, mas não falou nada, eu paguei, peguei as revistas e fui embora. Em 1989 eu estava organizando outro livro de quadrinhos, cujo tema era ‘Deus’. Como o tema era esse, e as HQs nem sempre eram favoráveis ao Senhor, tive um pouco de receio de fazer a impressão na gráfica do Seminário. Mas acabei levando o livro para ser impresso lá, mas já de sobreaviso de que poderia ser rejeitado por causa do tema escolhido. E não é que o impressor começou a olhar página por página do original, coisa que nunca havia feito antes. Eu fiquei só aguardando o final da inspeção para ver o que ele iria falar. E aí ele explicou. Quando estava imprimindo a edição anterior, dois anos atrás, na hora da montagem, com as páginas todas espalhadas pela bancada da gráfica, o Bispo da Diocese resolveu fazer uma visita. E começou a olhar as páginas de “Psiu Mudo” espalhada por todo lado. Acontece que havia uma HQ em que havia um casal nu se abraçando. O impressor foi imediatamente chamado a dar explicação, o Bispo queria que ele parasse com o serviço, com muito custo o impressor o convenceu de que já estava quase tudo pronto e que haveria prejuízo, e o Bispo concordou em deixar passar, mas que aquilo não se repetisse. Por isso, ao levar o novo trabalho, o impressor examinou página por página vendo se não tinha ninguém pelado, nem se importando com o fato do tema das HQs ser ‘Deus’.

Você costuma misturar, em suas histórias, ficção e vida real?

Na maioria das vezes, não. Quase tudo que tenho produzido é quase totalmente inventado. Mesmo alguns contos de ficção científica que escrevi, em primeira pessoa, eu parti de alguma situação que vi ou presenciei, mas todo o restante foi ficção.

Você já escreveu alguma história em fanzine baseada na vida real? Conte-me em detalhes o porque deste trabalho realizado.

Eu criei uma série de tiras chamada ‘Ju & Jigá’, que foi publicada em livro pela editora Marca de Fantasia, cujos personagens principais foram baseados em mim e na minha sobrinha, quando ela tinha a idade de 4 anos. Mesmo assim, as piadas foram quase todas inventadas, não foram uma crônica de nossa vida familiar. Atualmente, estou produzindo outra série de tiras, ‘cotidiano alterado’, agora com os personagens baseados em mim e meu sobrinho, mas novamente as situações são todas inventadas, ainda mais que esta série é de fantasia.

Você costuma escrever suas histórias de que forma? Você coloca um pouco do Edgard (pessoa) nelas?

Pelo contrário, ao criar personagens procuro dar a cada um deles personalidades distintas e diferentes da minha. Com exceção das duas tiras mencionadas em que os personagens são baseados em mim (ainda que não tenham necessariamente minha personalidade), nenhum outro personagem que criei era um alter ego meu. Ou seja, nunca usei um personagem para expressar meu pensamento dentro de uma história. Eventualmente posso compartilhar do modo de pensar de algum personagem em alguma situação. Assim como duas pessoas podem ter uma mesma opinião sobre algo.

VALDECY FERREIRA

Edgard Guimarães

Luciano Freiberger enviou a imagem ao lado perguntando quem era o autor e onde encontrar outros trabalhos dele. A imagem mostrada é a contra-capa da edição **Ficção e Terror**, lançada com o selo *Quadrímânia*. Trata-se de um encalhe com várias revistas da Editora Press. O exemplar que tenho traz as seguintes edições da Press, todas sem as capas: **As 7 Vampiras**, **Contato Imediato**, **Radar**, **Gritos de Terror** nº 2 e **Especial de Terror – Benê Nascimento**. Não sei dizer se todos os exemplares do encalhe trouxeram as mesmas revistas. O nome *Quadrímânia* é uma marca criada por Franco de Rosa como um título para seus textos publicados desde a época de jornais escolares (então grafado *Quadromania*), passando por jornais profissionais, colunas de revistas, etc., até ser usado como nome do fanzine lançado por Franco no final da década de 1970. Daí se deduz que a produção desse encalhe foi obra do Franco. O desenho da contra-capa, de autoria de Valdecy Ferreira, foi publicado originalmente como portfólio na revista **Vampiro** nº 2 da editora Maciota. E a capa desse **Ficção e Terror** foi tirada de ilustração de Torresan para a capa de **Medo Especial**, da editora Press.

O autor Valdecy Ferreira teve participação ativa nos quadrinhos de terror de final da década de 1970 e início de 1980. Como não estava entre os nomes mais conhecidos e reconhecidos pelos leitores, não teve sua biografia registrada nas várias revistas em que colaborou. O livro de Goida, **Enciclopédia dos Quadrinhos**, não traz verbete sobre ele. O site **Guia dos Quadrinhos** também não tem sua biografia, mas indica 4 revistas da Grafipar em que ele colaborou: **Sertão & Pampas** nº 4, **Neuros** nº 6, **Quadrinhos Eróticos** nºs 6 e 10. Não conferi minha coleção da Grafipar para ver se havia outros trabalhos dele.

Conferi toda minha coleção de revistas de terror da Editora Vecchi e achei trabalhos de Valdecy Ferreira em: **Pesadelo** nº 9, de novembro de 1981, HQ *Antes Tarde do que Nunca*, de 15 páginas, texto de Montenegro; **Almanaque de Terror** nº 1, de março de 1981, HQ *A Noite de Luciano Dias*, de 5 páginas, texto de Júlio E. Braz; **Spektró** nº 27, de junho de 1982, HQ *A Revolta dos Ratos*, de 12 páginas, texto de J. Laborini; **Almanaque de Terror** nº 2, de maio de 1982, HQ *A Vingança do Morto*, de 8 páginas, texto de Ivan Jaf; **Almanaque Sobrenatural** nº 6, de agosto de 1982, HQ *A Prometida*, de 15 páginas; **Sobrenatural** nº 28, de julho de 1981, HQ *Aborto Sinistro*, de 14 páginas, texto de B. de Almeida. Também conferi toda minha coleção de revistas de terror das editoras Maciota e Press e achei os seguintes trabalhos de Valdecy Ferreira: **Almanaque Terror 86**, HQ *O Escolhido de Satã*, de 12 páginas; **Mundo do Terror** nº 5, HQ *Vingança*, de 11 páginas; **Mundo do Terror** nº 11, HQ *A Ronda*, de 7 páginas; **Medo** nº 2, HQ *O Vingador*, de 10 páginas, texto de Jorge Fischer; **Medo Extra**, HQ *Amigos... São Pra Essas Coisas*, de 16 páginas, arte de Valdecy e Rogério de Jesus, texto de Jorge Fischer. As revistas da Maciota e Press não traziam data, mas foram lançadas por volta de 1986.

Não conferi as revistas de terror das editoras D-Arte e Bloch, não sei dizer se trouxeram alguma colaboração de Valdecy Ferreira. As revistas de terror da Ediouro, lançadas entre 1994 e 1995, não trouxeram.

Fiz ainda uma busca no Google, mas não achei nenhuma biografia sobre o autor, apenas a informação ligeira de que Valdecy Ferreira da Silva participou do Edital ProAC 19/2013 – Concurso de Apoio à Criação e Publicação de Histórias em Quadrinhos no Estado de São Paulo, iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. A relação dos 216 inscritos foi divulgada em 19 de setembro de 2013. O trabalho de Valdecy, *Despertar do Pesadelo*, não esteve entre os 15 vencedores.



QUADRINHOS E REFLEXÃO



Watchmen e a teoria do caos
Gian Danton
2a ed. 100p. 13x19cm.
Versão ampliada do estudo sobre
a obra clássica dos quadrinhos.

História em Quadrinhos no
ensino de Artes Visuais
Fábio Tavares
92p. 13x19cm.
Como os quadrinhos podem
ajudar no ensino de Artes Visuais.



editora@marcadefantasia.com

www.marcadefantasia.com

MONTE de coisinhas

Edgard Guimarães

No volume **Quadrinhos Brasileiros de Ficção Científica e Fantasia**, primeiro da série *Pequena Biblioteca de Histórias em Quadrinhos*, que lancei juntamente com o **QI 125**, no texto de apresentação da HQ *Epilogo*, listei os trabalhos do autor Ricardo Leite, que consegui identificar entre as revistas de minha coleção. Achei mais três, em revistas da Editora Vecchi: **Histórias do Além** nº 16, de novembro de 1980, HQ *Acertando os Ponteiros*, de 13 páginas, texto de Peregrino Valente; **Sobrenatural** nº 22, de janeiro de 1981, HQ *O Herdeiro do Mal*, de 10 páginas; **Sobrenatural** nº 23, de janeiro de 1981, HQ *Sangrento Despertar*, de 7 páginas.

No mesmo volume, no texto de apresentação da HQ *Asa Branca*, listei as edições em que esta história foi republicada. Descobri que também foi republicada em **Mundo do Terror** nº 6, da editora Maciota, em formatinho, também sem os textos adicionais, e com melhor qualidade de impressão do que a revista da Grafipar.

No volume **Quadrinhos Europeus no Brasil**, primeiro da série *Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos*, lançado juntamente com o **QI 126**, disse que só conhecia 7 volumes da coleção *Asterix* da editora Record na versão capa dura. Sempre procurei estas edições e nunca encontrei outros títulos além dos 7 mencionados. Agora achei mais 4: **Asterix O Gaulês**, **O Combate dos Chefes**, **Asterix Gladiador**, **Asterix e os Godos**. Talvez isso seja uma indicação de que todos os volumes da coleção, na época, tiveram versão capa dura.

No mesmo volume, no último parágrafo, comentei que não havia achado HQs produzidas em Portugal publicadas no Brasil. Antonio Armando Amaro me enviou uma lista de HQs produzidas por Eduardo Teixeira Coelho, publicadas em: **Aventuras Heróicas** nº 1, de abril de 1954, HQ *A Torre de D. Ramires*; **Aventuras Heróicas** nº 7, HQ *O Defunto*; **Aventuras Heróicas** nº 8, HQ *O Suave Milagre*; **Aventuras Heróicas** nº 9, HQ *O Tesouro*; **Aventuras Heróicas** nº 10, de abril de 1955, HQ *A Aia*; **Aventuras Heróicas** nº 24, HQ *Os Naufragos do Barco Sem Nome*. A editora de **Aventuras Heróicas**, a La Selva, também publicou histórias infantis de E.T. Coelho em sua revista **Contos de Fadas**. Antonio Amaro informa que a revista católica **O Jornalzinho** publicou em capítulos a longa história *O Caminho do Oriente*, de E. T. Coelho, e na década de 1950, foi lançada o nº 1 da revista **Falcão Negro**, com histórias de faroeste do personagem homônimo, também de E. T. Coelho. Para completar, a HQ *O Defunto* foi republicada na revista **Spektrum** nº 13, da editora Vecchi, em dezembro de 1979.

Complementando informações sobre Quadrinhos Europeus no Brasil, vejam a carta de Luiz Antônio Sampaio na seção *Fórum*, neste número do **QI**.

desvendando alma em matéria pouca

Edgard Guimarães

Escrevi um texto nesta seção comparando o comportamento pudico do norte-americano em relação ao inglês, pelo menos no que se mostra nas Histórias em Quadrinhos. É bem conhecida a relativa liberalidade inglesa na produção das tiras diárias para jornais, um veículo supostamente destinado a público de todas as idades. É muito comum as tiras inglesas trazerem cenas de nudez feminina. Houve até um gênero de tiras, capitaneado pela série *Jane* (aqui chamada *Jane Pouca Roupa*) em que o foco era justamente o strip-tease involuntário da personagem título. As tiras diárias norte-americanas, por outro lado, sempre passaram ao largo desse assunto. No máximo, algumas sugestões muito sutis. Russ Manning, ao assumir as tiras de *Tarzan*, protagonista um episódio no mínimo curioso. Ao cair numa terra estranha, Tarzan avista uma moça sendo atacada por pássaros carnívoros gigantes. Parte para salvá-la, mata um dos pássaros, mas fica desarmado diante do outro. A moça, encoberta da cintura para baixo pela vegetação, tira a tanga e a entrega para Tarzan, para que ele a use para tampar os olhos do pássaro, deixando-o indefeso. Tarzan é bem sucedido, mas logo em seguida é atacado por um bando de selvagens, de uma raça humanoide que ainda conserva a cauda. Dominado, Tarzan não pode impedir que um dos selvagens tire a moça da moita onde escondia sua nudez. E aí, Manning, na tira de 2 de abril de 1968, mostra a seminudez da moça, vista por trás. Certamente, para os outros personagens, a nudez está sendo vista de frente. Embora sejam selvagens, supõe-se que tenham pudor em mostrar as partes íntimas, já que usam tangas e a moça fez questão de se esconder durante todo o tempo em que Tarzan combateu os pássaros e os selvagens. Portanto, mostrar-se nua para os machos presentes foi uma situação constrangedora. Imagine que, da parte de Manning, intencional. Manning criou a situação dessa forma para obter respostas emocionais relevantes dos leitores. Além da própria nudez, o outro ponto de tensão foi a revelação de que a moça também tinha cauda, o que deu a Tarzan a certeza de que estava na terra perdida de Pal-Ul-Don. Talvez Manning tenha imaginado que a presença da cauda disfarçasse suficientemente o desenho das nádegas e que tal cena não tivesse problema em ser publicada nos jornais norte-americanos. Aparentemente o syndicate não pensou da mesma forma, pois na tira distribuída o desenho da moça recebeu uma aplicação de retícula no local descoberto pela tanga. Provavelmente feita pelo próprio Manning a pedido do syndicate. No entanto, uma solução estranha. Quem está acompanhando a tira deduz que a moça está nua, e quando ela sai da vegetação, insinua-se com a retícula que ela estivesse.... de calcinha? Quem leu "Mad" lembra perfeitamente da famosa capa em que Alfred E. Newman aparece nu tomando banho com outras pessoas, estas bronzeadas em todo corpo, menos na parte protegida pelo calção, e Alfred bronzeado apenas na bunda. Na sequência da história de Tarzan, a moça é levada para a aldeia dos selvagens, sempre supostamente nua, mas nunca mostrando a nudez. Quando chega na aldeia, no entanto, nos mostra o que deveria ser um tímido nu frontal, mas que a aplicação de retícula pretendia que não fosse.



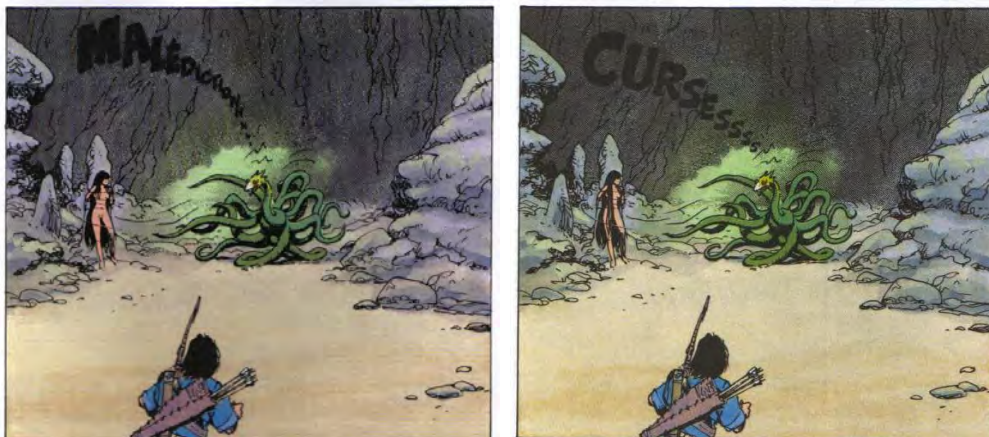
Recentemente comecei a fazer uma coleção publicada na Inglaterra, pela editora Cinebook, com a série franco-belga **Thorgal**. Esta série, criação de Van Hamme e Rosinski para a editora Lombard, teve seus 4 primeiros álbuns publicados no Brasil pela editora VHD na década de 1980. A editora abandonou sua linha de álbuns e nenhuma outra editora se aventurou a dar continuidade à série. Em Portugal, no entanto, a série teve um pouco mais de sorte. Em 1983, a editora Bertrand lançou apenas o 1º álbum. Em 1988, a editora Futura lançou os dois álbuns seguintes e aí veio um longo intervalo até que a editora Asa publicasse, a partir de 2002, 4 álbuns da série, começando, no entanto, no 7º álbum, indo até o 10º. As revistas portuguesas **Tintin** e **Mundo de Aventuras** publicaram, em capítulos, no início da década de 1980, as quatro primeiras aventuras. Em 2008, o jornal **Público**, em parceria com a editora Asa, publicou um volume duplo de **Thorgal** com as aventuras nºs 7 e 14. Ou seja, até aí, cinco aventuras foram publicadas, as de nºs 5, 6, 11, 12 e 13. Em 2012, a mesma associação **Público/Asa** iniciou uma coleção de 16 álbuns de **Thorgal**, começando na 14ª aventura e indo até a 29ª. Cansado dessa irregularidade e insatisfeito com a omissão de cinco álbuns da série, decidi fazer a coleção inglesa tão logo soube de sua existência.

Esta coleção inglesa, até o momento, tem 14 volumes, alguns duplos, publicando as aventuras de nºs 3 a 22. Ou seja, por algum motivo, simplesmente pulou as duas primeiras aventuras. Mas, pelo menos, pude ler as 5 aventuras omitidas em Portugal. Ainda não é o mundo ideal, pois ainda existem pelo menos 4 álbuns publicados originalmente.

Este preâmbulo foi só para situar a publicação de **Thorgal** em língua portuguesa e começar o assunto que realmente interessa. O volume 5 da coleção inglesa, composta pelas aventuras de nºs 10 e 11, trouxe no expediente uma advertência que me deixou curioso: “Com o consentimento dos autores, e para não melindrar nossos leitores mais sensíveis, algumas ilustrações desta edição de *Thorgal* foram modificadas”. Não achei diferença na 10ª aventura, mas como não tinha em português a 11ª aventura, não pude comparar para ver o que poderia melindrar os leitores ingleses. Achei que pudesse ser algumas cenas mais violentas, afinal uma das cenas trazia um massacre nas escadarias de um templo “sul-americano”. O volume 6 manteve a advertência, mas como trouxe as aventuras de nºs 12 e 13, também não pude fazer a comparação. A partir do volume 7, que trouxe a aventura de nº 15, o expediente não trouxe mais a advertência, mas aí eu já podia comparar e o fiz, mesmo que a editora inglesa não avisasse que era preciso. E fui encontrar o motivo das adulterações na edição inglesa no volume 9, correspondente à aventura nº 17. E o motivo era simplesmente uns biquinhos de peito. Algumas cenas em que aparecia o mamilo de alguma personagem, o desenho foi retocado para encobri-lo, na maioria das vezes puxando os cabelos da personagem sobre os seios. Mas o volume que deu mais trabalho aos adulteradores foi o volume 11, correspondente à aventura de nº 19. A seguir, algumas amostras tiradas das edições portuguesa e inglesa.



Interessante como a publicação inglesa, supostamente liberal em relação à norte-americana, neste caso se mostrou conservadora em relação à original franco-belga e mesmo à versão portuguesa. Será que a editora inglesa pretendeu atingir um público menos adulto do que o público pretendido originalmente pela Lombard? Também não parece haver muita coerência nas modificações, mamilos e pelos pubianos são os mais “mal-vistos”, mas as nádegas às vezes escapam ilesas. A figura abaixo mostra nova comparação entre a edição portuguesa e a inglesa. Ora, os ingleses não fizeram “vista grossa” nem para uma longinqua pererequinha, coisa que Russ Manning quase conseguiu fazer passar na imprensa carola norte-americana.



FÓRUM

LUCIANO FREIBERGER

R. Porto Seguro, 345 – Porto Alegre – RS – 91380-220

A presente ilustração foi publicada na contra-capa da revista “Ficção e Terror”, editada pela Press Editorial nos anos 80. Traz trabalhos de Deodato, Mozart Couto, Bené, Rodval Matias e Sidemar de Castro, entre outros. Gostei do trabalho, porém não sei nada sobre o autor. A única informação é o que consta na assinatura e a data. Presumo que seja um carioca. Quero saber se ele tem mais trabalhos publicados. Você sabe algo sobre ele? Se publicares o referido desenho, algum leitor do “QI” poderá ajudar.

Publiquei um texto sobre o autor em alguma página deste número do “QI”, qualquer informação adicional que eu receber dos leitores, publico no próximo número.

ALAEERTE GOLZENLEUCHTER

R. Silva Jardim, 568/62C – Piracicaba – SP – 13419-140

Recebida e lida mais uma edição do “QI”, e, como sempre, matérias legais e instrutivas. Com respeito ao excelente encarte “Quadrinhos Europeus no Brasil”, me surgiu uma dúvida. Após ler a informação acerca da edição “Marilyn Monroe”, pela Ícone, me aventurei a procurar essa revista pela internet. Consegui achá-la, mas o vendedor me esclareceu que não se trata de uma revista de quadrinhos, contendo na verdade matérias e reportagens... Você poderia me esclarecer mais sobre isso? Pelo que vi no anúncio, se trata da mesma edição, com a capa idêntica, os nomes dos artistas e a mesma editora. No mais, só elogios a mais essa edição do “QI”. Só não entendo como você consegue nos presentear com esses encartes mantendo o mesmo preço da assinatura. Que tal se candidatar a Ministro da Fazenda? Acho que com suas habilidades, pelo menos o governo não teria mais que recorrer à “contabilidade criativa” do Mantega.

Você conhece algum colecionador onde posso arranjar a edição nº 4 de “Kriminal”, da Bloch?

A edição sobre Marilyn Monroe, da Ícone, traz a primeira metade com textos e a segunda metade com uma HQ ilustrada por Guido Buzzelli, contando a vida da atriz.

Não creio que o nº 4 de “Kriminal” tenha sido lançado, embora apareça mencionado, por exemplo, no site Guia dos Quadrinhos, mas sem mostrar a capa, o que deve significar alguma coisa.

JARDEL CARVALHAL

Rua C, nº 60 – Conj. Alm. Tamararé – Aracaju – SE – 49087-099

Estou em dúvida se enviei uma lista de revistas disponíveis para negócio. Aqui estou enviando uma, se algo lhe interessar, envie uma relação das suas revistas para ver se a gente faz trocas, mas o meu gênero é de faroeste, “Tarzan”, “Antar” (Ediex), “Cinemin”, “Cinelândia”, “Filmelândia”, me interesse também por álbuns de figurinhas antigos, “Batman-BI” com foto na capa, “Batman” de 1967 para baixo, ah, qualquer revista da Ediex.

MICHAEL KISS

C.P. 74 – Belo Horizonte – MG – 30161-970

Gostaria de estar te enviando meus fanzines e também que atualizasse meu endereço, agora Caixa Postal, devido às cartas direcionadas a mim estarem sendo extraviadas, nem o “QI” eu recebi, por favor, comunique isso.

O endereço atual de Michael está logo acima.

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

Realmente muito bom o seu “Quadrinhos Europeus no Brasil”. Um trabalho de fôlego, bastante detalhado e completo. São obras assim que vão, pouco a pouco, construindo a História das publicações de quadrinhos no Brasil. Como já salientei outras vezes, há uma necessidade de se resgatar toda a trajetória de nossas editoras de Histórias em Quadrinhos, grandes e pequenas, e suas publicações. Se não houver uma documentação escrita, detalhada, tudo isso, daqui a poucas décadas, estará completamente esquecido. As suas matérias no “QI” estão certamente construindo esse resgate.

Meu primeiro contato com quadrinhos europeus deu-se quando ainda era criança. Foi na revista “Capitão Z” da Ebal. A revista era metade com material americano e metade com histórias seriadas do herói italiano Capitão Z (nome inventado pela Ebal). Depois foi a vez de Pantera Bionda, também material italiano, publicada em “Raio Vermelho” e totalmente censurada. Mais material italiano apareceu logo em seguida na revista “Epopéia” da Ebal (em formato grande). Muita gente de talento teve seus trabalhos publicados nessa revista. Franco Caprioli foi um deles. A revista “Álbum Gigante”, em uma determinada fase, parou com o material americano e publicou também histórias italianas de assuntos variados. Nos anos de 1950, a maior parte do material europeu publicado pela Ebal, acredito eu, era inglês. A editora adquiriu os direitos de várias publicações da Amalgamated Press & Fleetway, uma editora londrina extremamente ativa naqueles dias. Dela saíram revistas com histórias de praticamente todos os gêneros. Eram títulos como “Cowboy Picture Library”, “Super Detective Picture Library”, “Thriller Picture” e muitos outros. A Ebal enchia suas publicações com esse material, revistas como “Misterinho”, “Pequenina”, “Álbum Gigante”, “SuperXis”, “O Herói”, “Quem Foi?” e talvez outras. Esse material inglês era incrivelmente heterogêneo, havia tanto histórias bem escritas e bem desenhadas, como também mal escritas e mal desenhadas. E havia igualmente um outro problema que diversificava muito a qualidade desse material. O formato das publicações da Ebal nem sempre era o mesmo da revista original inglesa e aí entravam em ação alguns “gênios” da prancheta de desenho para repaginar tudo, aumentar, cortar ou adulterar os desenhos. Houve muito material bom dessa safra inglesa, como as histórias policiais de Lesley Shane desenhadas por Oliver Passingham (bastante influenciado por Alex Raymond).

Nunca entendi exatamente o porquê do fracasso de muito material franco-belga no Brasil. Títulos como ‘Bruno Brazil’, ‘Michel Vaillant’, ‘Luc Orient’, ‘Blake & Mortimer’, ‘Ric Hochet’ e outros eram bem escritos e bem desenhados e seguiam o modelo narrativo tradicional do material americano, no entanto não conquistaram a preferência do leitor brasileiro. Seria pelo fato de serem histórias mais longas e com temáticas mais adultas e os leitores estarem acostumados com aquelas aventuras curtas e idiotas dos comic books americanos?

Aquela sua matéria sobre as traduções nos quadrinhos leva a pontos bastante curiosos na questão. O exemplo de Beoit Brisefer, na edição portuguesa, é original e cômica ao mesmo tempo. Qual outra forma de resolver a questão? Talvez uma nota de rodapé resolvesse o problema. Traduções nas obras literárias, no cinema, nas histórias em quadrinhos, muitas vezes se defrontam com sérios problemas. Há expressões ou jogos de palavras com significações próprias em um determinado idioma que não podem ser traduzidos para outros. Nas histórias em quadrinhos, basta ver o caso de ‘Li’l Abner’ de Al Capp. Esta é uma obra que, em qualquer tradução, perde uma boa parte de sua beleza original, pois esta encontra-se exatamente naquele linguajar caipira, absurdo e surrealista criado por Capp. Não há como representar aquilo em qualquer outro código linguístico. No Brasil, se a tradução quiser adentrar o nosso modo caipira de falar, certamente se tornaria ridícula. Se o português formal for usado, um aspecto rico e original da obra desaparece. Em resumo: ‘Li’l Abner tem que ser lido no original. Uma pena o final de ‘cotidiano alterado/outros cotidianos alterados’. Sei que era um encarte, mas já parecia parte integrante do “QI”.

Recebido e totalmente lido o “QI” 126. Começo agradecendo a tua obra-prima, ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’. Rapaz, haja fôlego para pesquisar todo esse universo que é as revistas em quadrinhos, imagino o trabalho que tiveste para escrever essa obra. Parabéns, mesmo! Adorei! Só a lamentar que você não citou os quadrinhos portugueses que foram publicados no Brasil, no caso, a La Selva publicou em “Aventuras Heróicas”, na década de 1950, no nº 1, ‘A Torre de D. Ramires’; no nº 7, ‘O Defunto’; no nº 8, ‘O Suave Milagre’; no nº 9, ‘O Tesouro’; no nº 10, ‘A Aia’; no nº 24, ‘Os Naufragos do Barco Sem Nome’. Todas essas aventuras são escritas por Eça de Queiroz e desenhadas pelo fantástico Eduardo Teixeira Coelho, um dos maiores desenhistas do mundo. As capas de “Aventuras Heróicas” destes romances eram feitas pelo genial Jayme Cortez. A La Selva também publicou em “Contos de Fadas” trabalhos do E. T. Coelho, no caso, temas infantis. E também teve publicado no Brasil a revista “Falcão Negro” nº 1 (faroeste), década de 1950, também com desenhos de E. T. Coelho. E a revista católica “O Jornalzinho” publicou em capítulos ‘O Caminho do Oriente’, a saga de Vasco da Gama. Com respeito ao ‘Raimundo Cangaceiro’, como te informei, os 3 primeiros capítulos foram publicados, em primeiro lugar, pela revista “Aliança Juvenil” e saíram no “Almanaque Aventuras” da Pan Juvenil.

Agora vou comentar esse nº 126, gostaria de criticar alguma coisa, mas você não dá chance, os teus cinco artigos estão ótimos, mas não vais sair sem chumbo. A única “mancada” tua é quando você diz “língua belga”. Belga?... Se não mudou, na Bélgica se fala francês, alemão e flamengo. Gostei do teu retrato feito pelo mestre Eduardo Vetillo, vou lhe escrever para também comprar esses 3 últimos trabalhos dele. Ah, pensa que esqueci da capa? Você nos dá uma lição de como devemos ser humanos, no caso a mamãe gorila mostra o que é o amor! Agasalhando nos seus braços os 4 filhotes e mais o garotinho humano. Parabéns, mesmo! Estou lhe mandando mais um desenho do Gui e xerox da relíquia que me foi ofertada pelos mestres Eugenio Colonnese, Rodolfo Zalla, Shimamoto, R. F. Lucchetti e seu filho, no dia do lançamento do livro “No Reino do Terror”, com dedicatórias dos 4 mestres.

Antonio, como o Alexandre Yudenitsch salientou, o trabalho sobre os Quadrinhos Europeus no Brasil é restrito ao publicado posteriormente à década de 1950. Mas nem isso, pois minha coleção se inicia em meados de 1960 e foi só a ela que consultei para escrever o texto. Portanto, não tenho praticamente nada da La Selva ou das demais editoras brasileiras da década de 1950, e mesmo da década de 1960 não tenho muita coisa. O caso de “Aventuras Heróicas” foi falha mesmo, pois tenho os nºs 1 e 10, mas não me lembrei do conteúdo. Também sabia que o trabalho no gênero infantil de ETC tinha sido publicado no Brasil, mas não tinha nenhuma revista para confirmar. Quanto à “língua belga”, embora na minha juventude eu tenha estudado que na Bélgica se falava francês ou flamengo, isso não me ocorreu enquanto escrevia o texto, talvez traído pelo fato de haver duas revistas “Tintin”, uma belga e outra francesa. Ou seja, não foi possível distribuir a mesma “Tintin” belga para a França, o que indica que o francês da Bélgica não é tão francês assim. Talvez algo parecido com a “Tintin” portuguesa que não foi distribuída no Brasil e as editoras portuguesas terem decidido fazer uma “Tintin” brasileira. Eu entendo sem dificuldade o que se publica em Portugal, mas as editoras portuguesas e brasileiras fazem questão de traduzir os livros de um país para o outro.

Não vou publicar a página que me enviou com as dedicatórias, mas vou reproduzir a seguir algumas delas.

“Para Antonio Armando Amaro, grande amigo e grande leitor da D-Arte, com carinho de Rodolfo Zalla”.

“Ao fã nº 0, Antonio Armando Amaro, com carinho, Eugênio Colonnese”.

“Ao grande amigo e incentivador de quadrinhos brasileiros Antonio Armando, meu agradecimento. Abraço, Shima”.

Minhas calorosas saudações, aqui é o Guilherme, queria agradecer as publicações dos meus desenhos. Tenho 21 anos e aprendi a ler por meio das HQs, por influência do meu pai. Quando ainda era um “gafanhoto”, era viciado em Flash Gordon de Alex Raymond, Conan de Robert Howard, Tio Patinhas de Carl Barks, aventuras de Tintin do belga Hergé, Asterix de Goscinny e Uderzo (tenho a coleção completa). Enfim, uma verdadeira aula de História, Geografia, que, graças ao deus Tutatis dos gauleses e Júpiter dos romanos, utilizo na vida acadêmica. Coleciono os quadrinhos de Tex Willer e Mister No, ambos da Bonelli, Ken Parker, Júlia Kendall de Berardi, Martin Mystere de Castelli, clássicos de criação italiana, com temas desde faroeste, odisséia na Amazônia, crime e policial, até ficção científica. Atualmente fui contaminado por um vírus inevitável chamado cientificamente “ficção científica”, os livros, ao contrário dos filmes. São clássicos como: Júlio Verne, o pai da FC, previu viagem ao redor da Lua, submarino, tanque de guerra, zepelins, etc, gênios como H.G. Wells, Isaac Asimov, Ray Bradbury, Phillip Dick, Michael Crichton (criador de “Jurassic Park”), George Orwell e Arthur Clarke. Vou ficando por aqui, pois meu amigo de páginas impressas da ficção científica me aguarda para uma nova viagem através do tempo, cosmos, galáxias? Ainda não sei.

“Onde se lançam livros às chamas, acaba-se por queimar também os homens”.



Ilustração de Guilherme Amaro

FRANK DUTRA

Av. Sen. Lúcio Bittencourt, 936 – Sapucaia do Sul – RS – 93214-170

Quero te agradecer mais uma vez pela divulgação do meu zine! Nunca é demais elogiar o contato que você facilita entre os fanzineiros, pois quando estamos naquela fase de produzir, e que sobram mais ideias do que o próprio tempo, temos ganas de publicar logo e aê não bastam os que lêem elogiando o nosso trabalho, não, nesta fase de criatividade, queremos mostrar e ler aquilo que outros zineiros têm desenvolvido. Acho que deve ter sido assim com os movimentos artísticos também.

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

C.P. 675 – São Paulo – SP – 01059-970

A edição de “O Careca” não foi para as bancas porque os editores tinham problemas com a censura, eles pretendiam lançar uma editora alternativa começando com quadrinhos, eles foram os primeiros a propor uma revista da Turma da Mônica, o Maurício chegou a produzir uma revista, que não foi impressa e ele nunca soube o motivo da não publicação. Creio que os editores eram os mesmos que depois lançaram “O Grilo”, acho que isso está mencionado no livro “A Morte do Grilo” do Gonçalves Júnior.

Este nº 125 veio bem “gordo” com tantos encartes/anexos, especialmente o 1º volume da ‘Pequena Biblioteca de Histórias em Quadrinhos’. Suas escolhas das histórias incluídas em “Quadrinhos Brasileiros de FC&F” valem inclusive pelas introduções, mas para mim ressaltam que muitas delas dependem de uma afinidade de pensamento/sentimento entre o autor e o leitor, o que não acontece comigo em muitas delas – mas isso não invalida a intenção ou as escolhas, apenas mostra que elas não “funcionam” para todos...

Outro exemplo frequente dessa dificuldade minha aparece nos seus ‘cotidianos alterados’, inclusive nos dois encartados no “QI” 125. Achei difícil imaginar uma realidade onde o que está retratado nos quatro quadrinhos de cada um fosse verossímil (ou mesmo possível), o que já não acontece com a capa. A capa foi uma das melhores das que me recordo (do “QI”), e neste caso o uso parcimonioso de uma segunda cor foi importante para o impacto. Por que “Suzie” (ou seja, há alguma história ou referência por trás do desenho)?

Este capítulo de ‘Mistérios do Coleccionismo’, sobre as edições extras da Abril, foi muito exaustivamente pesquisado e escrito, e lembrou-me minhas próprias divagações e especulações sobre esses gibis; mas o verdadeiro “mistério do colecionismo” é como podemos dedicar tanto tempo e esforço para coisas de tão pouco significado, na realidade.

“Não sei de onde Gibbons tirou [...] a certeza” que “Sky Masters of the Space Force” era “desenhada por Jack Kirby e escrita por Dave Wood”? Provavelmente, porque é algo bem conhecido.

Alexandre mandou farta documentação sobre a gênese da série ‘Sky Masters’, retirada da Wikipedia e do site da Twomorrows, com depoimentos de vários envolvidos. No entanto, já li em outras fontes a história contada com variações. Não tenho nenhuma condição de avaliar qual versão é mais fiel, apenas mantenho minha descrença em qualquer afirmação que se faça, quando o autor é um participante da indústria de quadrinhos norte-americana. As declarações, de modo geral, são tendenciosas, quando não a mais pura expressão da canalhice.

A capa tem, sim, uma referência ao “Suzie”. Acho que a falha foi minha ao retratar o sujeito deitado na cama. Eu quis fazer um desenho mais realista e acho que ficou muito diferente do personagem a que faz referência, o Calvin. Suzie é a menina que ele odeia e tenta sempre sacanear.

Fiquei puxando pela memória por todas as “Suzies” que conseguia lembrar, mas nem pensei nessa... Mas, realmente, acho que poucas pessoas imaginariam que aquele sujeito, deitado na cama (sem o tigre e a fala) era o Calvin mais velho! Então, ‘a história por trás da ilustração’ é ainda mais rica do que pareceu à primeira vista – e confirma e explora um tema que costuma estar subjacente nas histórias em que garotos mais jovens “odeiam” meninas. Que isso é, na verdade, um passo na direção da atração, que tende a aparecer ou aflorar com a chegada da puberdade, mas isso é até anátoma naquela idade, e os meninos gozam daqueles que “gostam” de uma menina. Há tiras de Calvin em que isso aparece, e é recorrente nas de ‘Fox Trot’ (que acho que nem é, ou foi, publicada no Brasil). Assim, essa atração teria se concretizado com o Calvin e Suzie mais velhos – e ela ‘encarnar’ o Hobbes/Haroldo acrescenta uma dimensão a mais para esta ilustração. Você devia mandá-la para o Bill Waterson (cujo nome deve ser uma homenagem ao intérprete de Hopalong Cassidy), mas creio que seria impossível furar o “bloqueio”!

O “QI” 126 parece indicar que você está fazendo uma série de capas usando a cor amarela como um elemento importante da comunicação. Neste caso, o cabelo do menino pelado dá um ‘eco’ nos olhos dos ‘peludinhos’ e do ‘peludão’, indicando que há mais a uni-lós do que a leitura em conjunto do livro de histórias.

Interessante você achar que não há verossimilhança em ‘cotidiano alterado’. Eu acho o contrário, que há muita, sendo que esta não era minha intenção. Quando pensei na série, eu pretendi que fosse surreal, o que aconteceu na primeira e terceira tiras, mas depois, ao meu ver, as ideias surgiram quase todas verossímeis. São alterações do cotidiano, mas que poderiam existir, como os homenzinhos de duas cabeças, os bichinhos

redondos imitando frutas e assim por diante. Quando criei a série, meu incentivo principal foi a leitura de ‘Krazy Kat’, onde meu sentimento, ao ler, foi que qualquer coisa pudesse acontecer. Esse foi o mote que tentei aproveitar. Em ‘Krazy Kat’, entre tantas coisas, uma que achei muito alterada foi a história da banana que tira a casca para que seu perseguidor escorra, com isso salvando as outras bananas e se tornando herói. Essa falta de verossimilhança é que tentei usar em ‘cotidiano alterado’, mas acho que não consegui na maioria das tiras.

Talvez estejamos querendo dizer coisas diferentes com “verossimilhança”... Você diz que “alterações do cotidiano... poderiam existir” e isso é um bom exemplo do que me parece ‘inverossímil em qualquer REALIDADE’, ou seja, numa realidade em cuja existência eu consiga acreditar! Sim, a Rainha disse a Alice que podia “acreditar em seis coisas impossíveis antes do café da manhã”, mas eu não sou rainha (nem rei), e não consigo acreditar na possibilidade de existência de coisas que me parecem impossíveis, em qualquer realidade. Posso aceitar todas as loucuras dos desenhos animados (e, sim, das histórias de Herriman) como sendo uma fantasia, mas não acho que ela seja, na minha imaginação, possível em qualquer universo que realmente exista – e meu comentário era só sobre o uso do termo ‘cotidiano alterado’, pois achei que indicaria verossimilhança nesse sentido; mas não tenho dificuldade em imaginar ‘universos’ em que o que ali é retratado seria, até ‘cotidiano’... Pensando bem, foi mais uma consequência da palavra ‘cotidiano’, que me levou a esperar alterações que me parecessem possíveis (isto é, fossem verossímeis); se eu me preparasse para uma série de experiências mais ou menos surrealistas (como os outros ‘cotidianos alterados’ dos versos são, em geral), essa objeção talvez nem me ocorresse.

O capítulo de ‘Mistérios do Coleccionismo’ do “QI” 126 trata de revistas que, em grande parte, também vi e questioneei, na época, de forma bastante semelhante aos seus relatos; no caso, meu interesse principal eram as histórias de Watson Portela, e as vi mais ou menos na época em que outros quadrinhos eróticos dele (e de outros artistas brasileiros) estavam sendo publicados pela Fantagraphics, no selo ‘Eros’ (na época, eles procuravam não demonstrar que a prestigiosa editora também publicava pornografia).

Obrigado por mais um volume da sua ‘Pequena Biblioteca’, esta vez ‘SOBRE Histórias em Quadrinhos’, quando a anterior era ‘DE Histórias em Quadrinhos’, e por isso é que ambos fasciculos têm um nº “1” bem grande na capa, não é? Realmente, este é um ensaio, enquanto o volume anterior era uma coletânea de HQs – e este ensaio parece ter bastante conteúdo, tanto que vou deixar para lê-lo com vagar, mais tarde, pois ele merece! Qual será a do “QI” 127?

Fiquei meio ambivalente sobre o trabalho. Por um lado, é um levantamento exaustivo e minucioso sobre (a maioria dos) “Quadrinhos Europeus no Brasil”, de 1950 aos dias de hoje – e qualquer pessoa que quiser pesquisar esse assunto deve dar pulos de alegria ao encontrá-lo, pois creio que é uma fonte de informações ímpar, e pouparia-lhe um enorme trabalho; mas, por outro lado, senti falta de uma análise ou avaliação do estudo, pois o conteúdo está muito no estilo dos artigos da série ‘Mistérios do Coleccionismo’, com uma listagem acrílica (e meio soporífera) dos tais ‘Quadrinhos Europeus no Brasil, de 1950 aos dias de hoje’. Fiquei com um gosto de “e daí?”. Qual foi (e é), afinal, o impacto dos quadrinhos europeus no Brasil, principalmente comparando-os com os quadrinhos norte-americanos, das tiras de jornais e dos ‘comics’? Será que algum dia veremos outro volume da ‘Pequena Biblioteca Sobre Histórias em Quadrinhos’ com o “Impacto dos Quadrinhos Europeus no Brasil”?

O capítulo de ‘Desvendando Alma em Matéria Pouca’ foi interessante, e lembrou-me uma situação parecida, mas ainda mais complicada, que é a dublagem e legendagem de filmes. Por exemplo, filmes falados em inglês, mas com alguns personagens falando em klingon, costumam ter legendas em inglês superpostas, às vezes de forma integral, e aí essas falas podem ser dubladas em português, como o resto do filme (e aí as legendas em inglês ficam incongruentes), ou podem ser mantidas em klingon (mesmo com a dublagem dos diálogos em inglês), e aí aparecem legendas em português superpostas às em inglês, ou todas as falas (inglês ou klingon) são apenas legendadas, ou...

SÉRGIO LUIZ FRANQUE

R. Cezar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540

Estou tomando a iniciativa de lhe enviar um exemplar do álbum “Tarzan o Magnífico”, que acabei de quadrinizar. Ao mesmo tempo estou enviando este álbum a outros amantes do herói criado por ERB, com o propósito único de servir aos “tarzanistas de berço”, pois eu gostaria muito de possuir algo semelhante, se não fosse eu o editor. Sou colecionador de Tarzan desde 1956, quando em dezembro desse mesmo ano comprei o nº 56 de Tarzan da Ebal, da 1ª série, e desde então não deixei de comprar nunca mais. Até a Ebal lançar o último número em 1985. De lá para cá, ficamos a ver navios. Então resolvi não esperar por editora nenhuma publicar Tarzan. Eu mesmo o publicaria do jeito que eu gostaria que fosse publicado. Tenho prontos: “Tarzan Mensal” de 2012, do nº 1 ao 25; almanaques de Tarzan de 1945 a 2018; “Aventuras de Tarzan”, do nº 1 ao 15; os especiais “As Várias Faces de Tarzan” e “O Legado de Tarzan”. Estou também lançando ainda este ano os álbuns “Tarzan Clássicos”. Tenho todos à disposição dos amigos que assim quiserem. Todos com acabamentos gráficos melhores do que os da Ebal. Além, é claro, dos almanaques de faroeste como Roy Rogers, Cisco Kid, Apache Kid, Hopalong Cassidy, Homem do Rifle, Trigger, Ringo Kid, Ken Maynard, etc. Voltando ao assunto Tarzan, esse novo álbum de mais de 150 páginas de “Tarzan o Magnífico” eu illustrei de setembro de 2013 a fevereiro de 2014. Um trabalho estafante que, se não fosse por eu estar aposentado e gostar muito do assunto, poderia levar o dobro do tempo. Se o amigo não gostar, poderá me devolver o álbum. Não posso oferecer este álbum de presente, pois me ficaria muito elevado os custos de impressão e, como aposentado, não posso me dar a este luxo. Por isso, peço que me envie o valor de R\$ 60,00 para que eu possa pagar a gráfica. Envie em forma de “pagamento camuflado” em carta registrada para meu endereço. Todos que fizerem o pagamento receberão em aproximadamente 30 dias o 2º volume, “Tarzan e os Homens-Leopardo”, outro álbum com mais de 110 páginas de um maravilhoso preto e branco. Nas mesmas condições desse primeiro, aqueles que fizerem o pagamento de R\$ 100,00 já terão garantido o envio do 2º álbum. Na minha opinião, o 2º volume está mais bonito, tanto na capa como no miolo, com desenhos mais elaborados. Portanto, eu gostaria muito de contar com seu apoio, seu comentário e sua sugestão. Lembrando que estes álbuns não serão vendidos em bancas de jornais e em nenhum outro lugar. Serão exclusivos para colecionadores. Dependendo das opiniões e aceitação, isso vai me incentivar para novas incursões neste vasto universo de Burroughs.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Brusque – SC – 88350-685

Recebi o “QI” 126 com os anexos, ‘Pequena Biblioteca sobre Histórias em Quadrinhos’, mais o encarte com o IV capítulo de ‘Buster’ e o ‘cotidiano alterado’, todos muito bons. ‘Desvendando Alma em Matéria Pouca’, com o quadrinho em inglês, com história em outro país, pouca gente sabe disso, creio eu. Interessante esse ‘Careca’, texto e desenho de Alain Voss, nunca tinha visto. Gostei dos desenhos de Zenival, enviados pelo Antonio Amaro, muitos heróis conhecidos, o que mais gosto é o Cavaleiro Negro, do famoso gibi de antigamente. Bem merecida homenagem a Eduardo Vetillo, o desenhista de Chet, da editora Vecchi. E ‘Canção do Expedicionário’, de Guilherme de Almeida, envolta em desenhos, produzidos no início da década de 70, foi uma grande homenagem às nossas Forças Armadas, que lutaram na Itália, durante a II Guerra Mundial, parabéns. Gostei muito do “Quadrinhos Europeus no Brasil”, 36 páginas que constituem um belo presente aos leitores do “QI”, que podem novamente matar a saudade vendo as inúmeras capas de suas revistas prediletas, como “Humpá-pá”, “Asterix”, “Barbarella”, “Edição Maravilhosa”, “Mortadelo e Salaminho”, “Fort Navajo”, “Comanche”, “Corsário Negro” e dezenas de outras revistas, e o melhor de tudo é que esse exemplar é o número 1 – o que significa que teremos mais continuidade dessa maravilhosa narrativa para os próximos números do “QI”. Estamos a postos, como os imigrantes que esperam o comboio que os levam às terras prometidas do Oeste, e claro, com a vantagem de estar lendo nossos quadrinhos preferidos.

CARLOS RICO

Praça Sacadura Cabral – S. Gráfico – Moura – 7860-207 – Portugal

Muito obrigado pelas tuas palavras de incentivo, que para nós (eu e Luiz Beira) são muito importantes.

Carlos Rico e Luiz Beira publicaram em seu blog um artigo sobre as publicações de banda desenhada que trataram da vida e obra de Camões, tanto edições portuguesas quanto de outros países. Conferir em:

<http://bloguedebd.blogspot.pt/2014/06/literatura-e-bd-4-camoes-e-os-lusitadas.html>

Aproveito para felicitar-te pelo teu trabalho no “QI”, que continua cheio de interesse e de surpresas (inclusive com uma BD de José Pires, um autor que conheço muito bem e com quem tenho uma relação de amizade antiga). Parabéns pelo seu trabalho. Já agora, aproveito para te pedir uma coisa: gostava de fazer-te uma entrevista para publicar no BDBD. Se a tua resposta for positiva (como espero), terei de fazer algum “trabalho de casa” e, portanto, demorará ainda algum tempo. Podes, portanto, gozar a Copa do Mundo à vontade.

JOSÉ JOÃO DE ARRUDA FILHO

R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09971-100

A cada correspondência sua, eu fico surpreso e alegre por recebê-la. ‘Pequena Biblioteca Sobre Histórias em Quadrinhos’ me deixou de queixo caído. Quem ler, vai perceber que é um trabalho maravilhoso de consulta e amor pelo que está se fazendo. Envio o desenho feito pelo meu filho, Wagner Arruda, dei a ideia e a sugestão e ele entendeu a ‘brincadeira’.



ROBERTO MAC-GHAN

San Fructuoso, 1254, apt.203 – Montevideo – Uruguay

Ya te confirmé el recibo de “QI” 126 y “Quadrinhos Europeus en Brasil”, que estupendo material que junto a “Quadrinhos Brasileiros de Ficção Científica y Fantasia” hacen una colección buenisísima de lectura y consulta, que buena idea a la vez que excelente material.

FRANCISCO FILARDI

R. Carlos de Vasconcelos, 21/904 – Rio de Janeiro – RJ – 20521-050

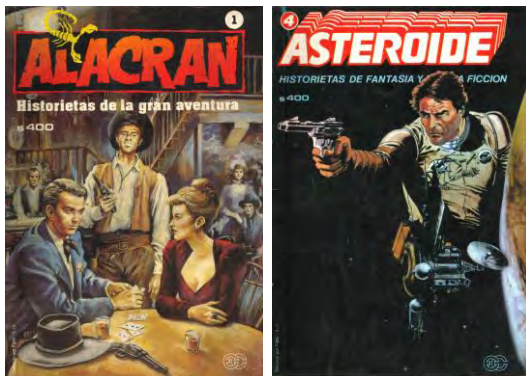
Caprichadíssima essa edição especial “Quadrinhos Europeus no Brasil”! Dia desses, meu caçula comentou que estava à procura de “Frankenstein”. Não conhecia essa edição da Salamandra. Vou xeretar por aqui. Seguem alguns recortes, embora pouco tenha sido publicado sobre quadrinhos nas últimas semanas por aqui.

QUADRINHOS NO MUNDO

Gerd Bonau enviou, além de seu fanzine “Omi”, três edições da ‘Gratis Comic Tag 2014’. Já comentei aqui essa iniciativa das editoras alemãs de produzirem revistas gratuitas contendo material de seus catálogos. Dessa vez, o evento, ocorrido em 10 de maio de 2014, reuniu 13 editoras lançando nada menos que 30 edições grátis, desde Disney, Simpsons, muito mangá, clássicos e modernos europeus, etc. Das 3 edições que recebi, destaco a da editora Cross Cult, que traz um preview da série ‘Gung Ho’, produção alemã com forte influência dos mangás, e a da Egmont Comic Collection, que trouxe o primeiro álbum completo da série ‘Bruno Brazil’, numa impressão de altíssima qualidade. Esta aventura foi publicada no Brasil na revista “Tintin” no final da década de 1960, com o nome ‘O Tubarão que Morreu Duas Vezes’. No Brasil, foi só. A “Tintin” portuguesa, por outro lado, publicou praticamente todas as aventuras dessa série. Sorte deles.



Roberto Mac-Ghan me enviou um belo pacote incluindo materiais diversos: catálogo da Glénat espanhola; catálogo do Saló del Còmic de Barcelona; revista francesa com capítulo de longa história produzida por Attilio Micheluzzi; xerox da revista uruguaia “Noveno Arte”; o “Almanaque 1984” do ano 1981, da espanhola Norma; e as chilenas “Flash Gordon” nº 5 da Lord Cochrane, “Alacran” nº 1 e “Asteroide” nº 4, ambas da Editora Condell. Destaco essas duas últimas, no formato magazine, preto e branco em papel jornal. A primeira, dedicada a “la gran aventura”, trouxe autores conhecidos como o espanhol José Ortiz e seu personagem O Corvo, e o italiano Tarquinio numa história de faroeste. Destaque ainda para o belo traço de J. Berrios. “Asteroide”, dedicada à ficção científica, trouxe as tiras inglesas de Jeff Hawke, de Sidney Jordan, e Garth, de Frank Bellamy. Completam a revista histórias dos espanhóis Fernando Fernandez e Luis Bermejo, este quadrinizando “Eu, Robô”, de Asimov.



EDITORIAL LORD COCHRANE

Na seção ‘Mistérios do Coleccionismo’ do “QI” 124, tratei as revistas lançadas no Brasil pelo Editorial Lord Cochrane, baseado nas edições que tenho. **Worney Almeida de Souza** enviou informações mais completas, que repasso a seguir.

Gato Félix: nº 12 (out/1966) a 23 (set/1967)
Carequinha: nº 14 (out/1966) a 23 (jul/1967)
Pingafogo: nº 14 (out/1966) a 23 (jul/1967)
Jim das Selvas: nº 12 (out/1966) a 18 (abr/1967)
Príncipe Valente: nº 8 (dez/1966) a 15 (jul/1967)
Brick Bradford: nº 8 (jan/1967) a 15 (ago/1967)
Patrulheiros da Lei: nº 15 (jan/1967) a 23 (set/1967)
Tim e Tom: nº 8 (jan/1967) a 14 (jul/1967)
X-9: nº 8 (jan/1967) a 15 (ago/1967)

As datas informadas por Worney estão com diferença de um mês em relação ao que coloquei no “QI” 124. Partindo da informação de que houve mudança na moeda brasileira, de Cruzeiro para Cruzeiro Novo, em 13 de fevereiro de 1967, considerei que as revistas só conseguiriam colocar nas capas o preço em NCR\$ a partir do mês de março. Na relação de Worney, ele considerou que as revistas de fevereiro já saíram com preço em Cruzeiro Novo.

Worney também informa que as revistas brasileiras seguiram a numeração das similares chilenas. Ou seja, já havia, por exemplo, saído 7 números de Príncipe Valente no Chile, quando a editora resolveu lançar também a versão em português. Portanto, do Príncipe Valente, saiu uma revista nº 8 em espanhol para distribuição na América espanhola e outra nº 8 em português distribuída no Brasil.

QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Alex Sampaio enviou a revista “A Turma da Mônica – Amiguinhos Vedacit”, produzida pela Maurício de Sousa. **Paulo Joubert Alves** enviou a “Folhinha” de 29 de março de 2014, com ‘A Ditadura em Quadrinhos’; matéria ilustrada sobre curiosidades do Oscar publicada no “Almanaque Saraiva” de 2014; anúncio em forma de fotonovela feito para a Copasa e publicado no jornal “O Tempo” de 4 de maio de 2014. **Luiz Cláudio Lopes Faria** enviou folheto ilustrado sobre a dengue com a Turma da Mônica, produzido para a Vedacit; folheto ilustrado sobre Preconceito e Discriminação, produzido pela Prefeitura de São José dos Campos.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

PUBLICAÇÕES E EDIÇÕES DIVERSAS II

As edições e publicações de anos atrás podem servir para os novos artistas e editores de quadrinhos no Brasil. Afinal, no século passado (e ainda no começo desse!) tínhamos muito mais possibilidades de lançar produtos nas bancas e o público era maior e mais receptivo a novos produtos. Assim, apresentamos quatro publicações que miram a diversidade de temas e apontam para públicos distintos.

O AMIGO DA ONÇA n° 1 (tamanho 20,5x27,5cm, 36 pág., preto e branco, papel jornal, lombada canoa, CZ\$ 900,00).

Lançada pela Nanica Editora de Paulo Paiva, com edição de Jota, foi uma tentativa de retomar o clássico protagonista de Péricles, O Amigo da Onça. Popularíssimo nos anos 40 e 50, o personagem era a caricatura (ou o espelho) do brasileiro cara-de-pau, boa vida e malandro, sempre pronto para levar vantagem sobre algum “amigo” desavisado. Publicado semanalmente na revista “O Cruzeiro”, o personagem virou uma referência gráfica e popular. A nova revista “O Amigo da Onça”, lançada em bancas de jornais, com uma possível tiragem de 30 mil exemplares, apresentava as antigas páginas do personagem (que, no original, eram em cores, mas na revista sofreram um pouco com a qualidade de impressão) e procurava associar o caráter do personagem com a política da época (a revista foi lançada em dezembro de 1988, no governo do Presidente José Sarney), com a escolha do “Maior Amigo da Onça do Brasil” com a opinião de figuras públicas como Rita Lee, Carlito Maia, Tom Zé e outros. O grande bônus da revista

era a HQ ‘O Filho do Coronel’ de 1950. A capa propunha o personagem para Presidente do Brasil, mas nem a candidatura foi para frente, muito menos a revista, que só ficou no número um.



LIZ VAMP (tamanho 15,5x23,5cm, 44 pág., colorido, papel couchê, lombada canoa).

Lançada em 2004, ou melhor, produzida e impressa em abril de 2004, mas nunca distribuída, a publicação tinha como objetivo divulgar a personagem de Liz Vamp (Mariliz Marins), a filha (natural) de José Mojica Marins, o cineasta e criador do personagem Zé do Caixão. A revista foi o primeiro lançamento da Impacto Quadrinhos de Klebs Júnior e Manny Clark. A HQ ‘A Origem’ tinha roteiros e lápis de Klebs Júnior, arte-final de Jean Dias e Valdemar, cores de Vinícius e Hermes e letras de Mauro Matheus.

Com 1.000 exemplares de tiragem, a revista apresentava a origem da personagem ao estilo de um terror vampiro, até com a presença do Zé do Caixão. Mariliz pretendia se lançar na carreira artística com shows, talvez como atriz de filmes de terror e mesmo cantora, mas por algum motivo pouco conhecido o projeto naufragou, com a aparição esporádica em programas de TV. A carreira nunca decolou como ‘A Filha do Zé do Caixão’ e a revista, que seria um dos alicerces do trabalho, foi impressa, mas nunca chegou às bancas ou a qualquer ponto de venda. Um grande mistério que se tornou a única edição da Impacto Quadrinhos.



LOGO (tamanho 21x27,5cm, 20 pág., preto e branco, lombada canoa, papel off-set, R\$ 5,50).

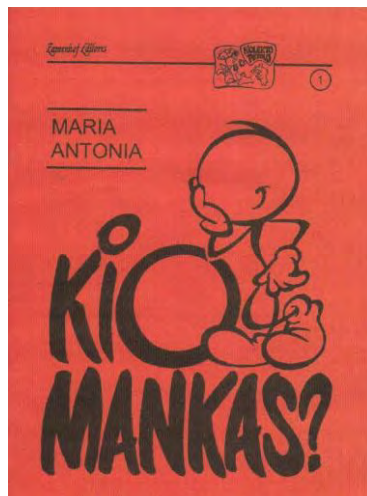
Editada pela Zamenhof Editores, a revista “Logo” tinha uma proposta inusitada: era editada na língua universal Esperanto, criada pelo médico polonês Ludwing Lazar Zamenhof (1859 a 1917) em 1887, para ser a língua auxiliar de comunicação internacional. O editor era Fabrício Rodrigues Valle, um abnegado divulgador do Esperanto e também apaixonado pelos quadrinhos. A revista tinha quatro HQs desenhadas por Alison de Novais Simas e roteirizadas por Maria Antônia Sobral. “Logo” (que significa Atração) apresentava as histórias: ‘Flava Rozo’ (Rosa Amarela), ‘La Baletistino’ (A Bailarina), ‘Akvero’ (Gota d’Água) e ‘Ilo’ num estilo poético.

A revista era para o público infantil e jovem, e pretendia estimular a leitura e estudo da língua. A edição teve uma tiragem de 2.000 exemplares e saiu em dezembro de 1994.



KIO MANKAS? (tamanho 11,5x15,5cm, 16 pág., preto e branco, lombada canoa, papel off-set).

A revista era o primeiro número da coleção ‘Kolekto Petolo’ (da Zamenhof Editores) e tinha roteiros de Maria Antônia Sobral e desenhos de Alison de Novais Simas. Com desenhos mais caricaturais e soltos, a HQ tinha um quadrinho por página e um personagem rabisco que apresentava vários membros do corpo humano numa história de humor destinada ao público infantil e curioso pelo Esperanto.



WORNEY ALMEIDA DE SOUZA

EDIÇÕES INDEPENDENTES



HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Fábio Tavares da Silva
92p. 13X19cm.

Como os quadrinhos podem ajudar no ensino de Artes Visuais.

www.marcadefantasia.com



WATCHMEN E A TEORIA DO CAOS

Gian Danton
2a ed. 100p. 13X19cm.

Estudo sobre a HQ clássica de Alan Moore.

www.marcadefantasia.com

QUADRINHOS

ABISMOS DO LOBO * nº 1 * nov/2013 * 8 pág. * A5 *
Danielle Barros – C.P. 88 – Teixeira de Freitas – BA – 45985-970 –
danbiologa@gmail.com.

ANÚBIS WARRIOR * nº 1 * abr/2014 * 66 pág. * A4 *
capa color. * R\$ 14,00 * Fábio Chibilski – R. Rio Grande do Sul, 949
– Vila Liane Orfan – Ponta Grossa – PR – 84015-020.

ARQUIVO * nº 47 * jul/2012 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 *
Denilson Reis – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

BRUSQUE ONTEM * vol. XII * jun/2014 * 24 pág. * A5
* color. * Aldo Maes dos Anjos – R. Nova Trento, 758 – Azambuja –
Brusque – SC – 88353-401.

CARTILHA CARTUM Copa do Mundo 2014 *
mai/2014 * 20 pág. * A5 * color. * Aldo Maes dos Anjos – R. Nova
Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CARTUM * nº 85 * abr/2014 * 28 pág. * A5 * color. * R\$
80,00 (assinatura anual) * Aldo Maes dos Anjos – R. Nova Trento,
758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CARTUM * nº 86 * mai/2014 * 32 pág. * A5 * color. * R\$
80,00 (assinatura anual) * Aldo Maes dos Anjos – R. Nova Trento,
758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CLUBE PLANET HQ * nº 62 * jun/2014 * 8 pág. * A5 *
José João de Arruda Filho – R. Caranguejo, 249 – Eldorado –
Diadema – SP – 09970-100.

CONFRARIA DOS DINOSAURÓS * vol. 1 a 5 *
jan/2014 * 206 pág. cada * A4 * R\$ 160,00 a coleção * Valdir
Dâmaso – R. Miguel Palmeira, 1448/101 – Farol – Maceió – AL –
57055-330.

CORCEL NEGRO * nº 7 * mar/2014 * 32 pág. * A5 * capa
color. * R\$ 5,00 * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

Curso Completo de DESENHO ARTÍSTICO *
2014 * 228 pág. * 210x285mm * color. * R\$ 94,90 * Silvio Ribeiro –
R. Salvador Lo Pumo, 93 – Porto Alegre – RS – 91210-200.

DEPOIS DA ESCURIDÃO * mai/2014 * 52 pág. * A4 *
R\$ 25,00 * Marcos Freitas – Av. Brasileiro Índio de Moraes, 558 –
Passo D'Areia – Porto Alegre – RS – 91030-000.

FALSA CORAL * nº 2 * 2014 * 36 pág. * 170x240mm *
color. * Beto Martins – C.P. 216 – Araguari – MG – 38440-970.

FÊMEA CÔSMICA * mar/2014 * 12 pág. * 100x130mm *
capa color. * a/c Danielle Barros – C.P. 88 – Teixeira de Freitas –
BA – 45985-970. – danbiologa@gmail.com.

FRANK DUTRA * nº 21 * mai/2014 * 8 pág. * A5 * Frank
Dutra – Av. Senador Lúcio Bittencourt, 936 – Sapucaia do Sul – RS –
93214-170.

FRANK DUTRA * nº 22 * mai/2014 * 8 pág. * A5 * Frank
Dutra – Av. Senador Lúcio Bittencourt, 936 – Sapucaia do Sul – RS –
93214-170.

GIBIZADA ESPECIAL * nº 200 * jan/2014 * 50 pág. *
A4 * Valdir Dâmaso – R. Miguel Palmeira, 1448/101 – Farol –
Maceió – AL – 57055-330.

**HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO
DE ARTES VISUAIS** * 2014 * 96 pág. * 130x190mm * capa
color. * R\$ 14,00 * Henrique Magalhães – Av. Maria Elizabeth,
87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

HISTÓRIAS SAGRADAS * nº 8 * jun/2014 * 32 pág. *
A5 * capa color. * R\$ 5,00 * José Salles – C.P. 95 – Jaú – SP –
17201-970.

INFORMATIVO 2014 * fev/2014 * 4 pág. * A5 *
Denilson Reis – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

JORNAL GRAPHIQ * nº 87 * abr/2014 * 12 pág. *
280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * Mário Latino – C.P. 213 –
Suzano – SP – 08675-970.

JORNAL GRAPHIQ * nº 88 * mai/2014 * 12 pág. *
280x320mm * capa color. * R\$ 4,00 * Mário Latino – C.P. 213 –
Suzano – SP – 08675-970.

MARIA MAGAZINE * nº 5 * jun/2014 * 36 pág. *
140x200mm * capa color. * R\$ 8,00 * Henrique Magalhães – Av.
Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

MOCINHOS & BANDIDOS * nº 110 * jun/2014 * 44
pág. * A4 * capa color. * R\$ 45,00 (ass. 4 n°s) * Diamantino da Silva
– R. Prof. José Horácio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 – São Paulo – SP –
05640-903.

OMI * nº 97 * mai/2014 * 24 pág. * A5 * Gerd Bonau –
Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

QICO * nº 2 * 2014 * 48 pág. * 155x220mm * capa color. * R\$
7,00 * Verônica Saiki – QRC 11, casa 25 – Residencial Santos
Dumont – Santa Maria – DF – 72592-111.

REACÃO * n° 5 * abr/2014 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

SIBILANTE * 2014 * 28 pág. * A5 * **Danielle Barros** – C.P. 88 – Teixeira de Freitas – BA – 45985-970. – danbiologa@gmail.com.

SIBILANTE - minizine * 2014 * 8 pág. * A6 * **Danielle Barros** – C.P. 88 – Teixeira de Freitas – BA – 45985-970. – danbiologa@gmail.com.

SPEKTRO * n° 1 * fev/2014 * 88 pág. * A4 * capa color. * R\$ 15,00 * **Fábio Chibilski** – R. Rio Grande do Sul, 949 – Vila Liane Orfan – Ponta Grossa – PR – 84015-020.

SPEKTRO * n° 2 * mai/2014 * 106 pág. * A4 * capa color. * R\$ 15,00 * **Fábio Chibilski** – R. Rio Grande do Sul, 949 – Vila Liane Orfan – Ponta Grossa – PR – 84015-020.

STIGMA * n° 1 * jun/2013 * 56 pág. * A4 * capa color. * R\$ 12,00 * **Fábio Chibilski** – R. Rio Grande do Sul, 949 – Vila Liane Orfan – Ponta Grossa – PR – 84015-020.

STIGMA * n° 2 * dez/2013 * 68 pág. * A4 * capa color. * R\$ 12,00 * **Fábio Chibilski** – R. Rio Grande do Sul, 949 – Vila Liane Orfan – Ponta Grossa – PR – 84015-020.

STIGMA * n° 3 * mai/2014 * 64 pág. * A4 * capa color. * R\$ 12,00 * **Fábio Chibilski** – R. Rio Grande do Sul, 949 – Vila Liane Orfan – Ponta Grossa – PR – 84015-020.

TARZAN E OS HOMENS LEOPARDO * 2014 * 118 pág. * 185x280mm * capa color. * R\$ 60,00 * **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

TARZAN O MAGNÍFICO * 2014 * 150 pág. * 185x280mm * capa color. * R\$ 60,00 * **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

TARZAN * páginas coloridas de Manning de 1969 * 2014 * 56 pág. * 320x215mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * tiras de Dan Barry de 1948 * n° 4 * 2014 * 52 pág. * 325x220mm * capa color. * R\$ 35,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TARZAN * páginas de Bob Lubbers de 1952 * 2014 * 56 pág. * 325x220mm * color. * R\$ 80,00 mais porte * **Lirio Comics** – R. Pedro Kurowsky, 250 – São Bento do Sul – SC – 89290-000.

TIRAS VS. MONSTROS * n° 4 * abr/2014 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

VERDUGO * n° 1 * fev/2014 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

WATCHMEN E A TEORIA DO CAOS * 2ª ed. * 2014 * 104 pág. * 130x190mm * capa color. * R\$ 16,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 238 * abr/2014 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * n° 239 * mai/2014 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * n° 240 * jun/2014 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

JUVENATRIX * n° 158 * abr/2014 * 12 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * n° 159 * mai/2014 * 11 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * n° 160 * jun/2014 * 15 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

10º BELÔ POÉTICO * Encontro Nacional de Poesia de Belo Horizonte. Informações: belopoetico@yahoo.com.br

O BOÊMIO * n°s 291 e 292 * **Eduardo Waack** – R. Benedito Aleixo do Nascimento, 219 – Matão – SP – 15990-776.

BOLETIM DA AFNB * n°s 13, 15, 16, 17, 19, e 22/2014 - C.P. 500 - Ag. W3 - 508 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

BOLETIM DE ANÚNCIOS * n°s 32 e 33/2014 * **Armindo F. Gonçalves** – C. P. 29 – Ferraz de Vasconcelos – SP – 08530-970.

BOLSA FILATÉLICA DE BRASÍLIA * a/c AFNB - C.P. 500 - Ag. W3 - 508 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

CORREIO DA PAZ * n° 16 * **Rosângela Carvalho** – C.P. 5366 – Ac. Taguatinga – Brasília – DF – 72010-971.

COTIPORÁ CULTURAL * n° 52 * **Adão Wons** – R. Marcílio Dias, 253 – Térreo – Cotiporá – RS – 95335-000.

EXPRESSANDO EM POESIA * n° 40 * **Maria de Mello Bandeira** – R. São Gabriel, 461 – Urlândia – Santa Maria – RS – 97070-620.

O GARIMPO * n°s 106 e 107 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

A HISTÓRIA DE BRASÍLIA * coleção em 2 caixas com 15 livros * **Adirson Vasconcelos** – SQN 214, Bloco J, ap. 201 – Brasília – DF – 70873-100.

L'ATMOSFERE * n° 9 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

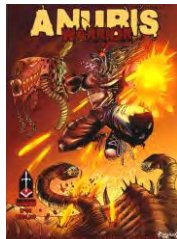
MISSIONÁRIOS DA POESIA * n° 48 * **Antonio Pereira de Mello** – R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Itararé – Santa Maria – RS – 97045-350.

VAMPIROS * n° 14 * R\$ 2,00 ou troca * **Valdir de Oliveira** - R. Américo Sugai, 1128 – São Paulo – SP – 08060-380.

VIDA E PAZ * n° 165 * **Mauro Sousa** – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

A VOZ * n° 136 * Av. Dr. José Rufino, 3625 – Tejipió – Recife - PE - 50930-000.

GALERIA DE CAPAS



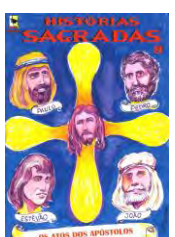
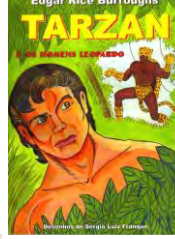
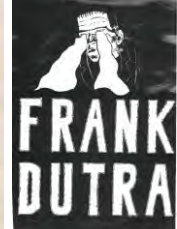
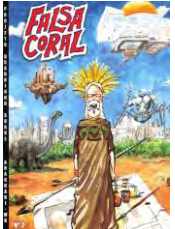
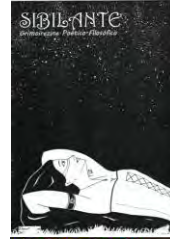
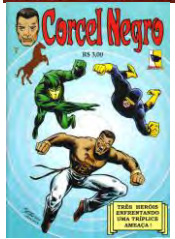
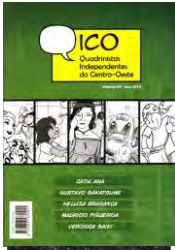




Imagem enviada por Roberto Simoni

NÃO TE VÁS

Alda Cabral

Não te vás! Ainda mal AMANHECEU
 Não vês FONTES e REGATOS
 Jorrando a ÁGUA CRISTALINA
 Envolta na adocicada NÉVOA
 Do raír de um novo DIA?
 Não! Não te vás!
 Luta qual KAMIKASE
 Agarra à DÁDIVA da VIDA
 Ainda há flores SILVESTRES
 Que aromatizam CAMINHOS AGRESTES!
 Caminhos que teimas em não PISAR
 Não! Não partas AGORA
 Quando o sol nimba a MADRUGADA
 Ainda há tanto caminho a percorrer
 Tantos signos OBSTRUÍDOS
 Pombas brancas ENCURRELADAS
 Impedidas de VOAR
 Bocas proféticas AMORÇADAS
 Na imensidão por DEVASTAR
 Não se pode imputar a PODRIDÃO
 Motivo que INVOCAS para PARTIR
 Não partas pois AGORA
 Firma teus pés; não te DEIXES IR
 Empresta-nos tuas MÃOS
 Precisamos de TI
 És um FILHO DO UNIVERSO
 Fica pois, por AQUI!

TEORIA A MENOS

Neste começo de ano, faleceram dois dos pioneiros no Brasil no estudo das Histórias em Quadrinhos, Moacyr Cirne e Antonio Luiz Cagnin.

Cirne abriu espaço para a discussão sobre Quadrinhos na “Revista de Cultura Vozes”, onde trabalhou, chegando a haver alguns números da revista totalmente dedicados ao assunto. Publicou, a partir de 1970, vários livros começando pela “A Explosão Criativa dos Quadrinhos” e seguindo com “A Linguagem dos Quadrinhos” (1971), “Para Ler Quadrinhos” (1975), “Uma Introdução Política aos Quadrinhos” (1982), “História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros” (1990), “Quadrinhos, Sedução e Paixão” (2000), “A Escrita dos Quadrinhos” (2005) e foi um dos autores de “Literatura em Quadrinhos no Brasil” (2002).

Cagnin publicou, em 1973, sua dissertação de Mestrado, “Introdução à Análise das Histórias em Quadrinhos” e, em 1975, o livro “Os Quadrinhos”. Foi um dos autores de “O Tico-Tico – Centenário da Primeira Revista de Quadrinhos do Brasil” (2005). Fez uma pesquisa extensa sobre Angelo Agostini, que, infelizmente, não resultou em livro.

Tanto Cirne como Cagnin tiveram intensa vida acadêmica como professores de disciplinas relacionadas a Quadrinhos. O livro recentemente lançado, “Os Pioneiros no Estudo de Quadrinhos no Brasil” (2013), presta tributo a Cirne e Cagnin, entre outros, registrando seus depoimentos.

Tive oportunidade de conhecê-los pessoalmente em eventos de quadrinhos ou congressos de comunicação. Apaixonados pelos Quadrinhos antes de tudo, atenciosos sempre com quem tivesse o mínimo interesse pelo assunto e generosos em dividir o conhecimento obtido tão arduamente em país que não valoriza sua História.



Benjamin Peppe é um personagem de histórias em quadrinhos brasileiro, criado pelo cartunista Paulo Miguel dos Anjos. A criação do personagem data de 1973, e, com o passar do tempo, as tiras do personagem foram publicadas em diversas publicações do circuito independente dos quadrinhos brasileiros. Baseado em uma foto de juventude, Anjos, como o cartunista assina seus trabalhos, criou o Benjamin Peppe para um jornal de colégio. O estilo do autor, que cursou Artes Plásticas, Pintura à óleo e Aquarela, teve influências do pintor espanhol Pablo Picasso.

Em 2007, o personagem ganhou uma revista própria, publicada pela editora Júpiter 2, e em 2009, o autor iniciou um fanzine próprio. O personagem adota os temas da ecologia e dos esportes em suas histórias. Inicialmente, as histórias desenvolvidas por Anjos seguiam o estilo pastelão, com garotos hippies; um ano depois, foram incluídas personagens femininas, e, pouco depois, a necessidade de ampliar os roteiros levou o autor a adotar os temas da ecologia (cuidados com o meio ambiente, preservação da natureza, reciclagem de materiais, etc.) e dos esportes saudáveis (surf, bodyboard, skate, futebol, futsal, futebol de quareia, natação, bicicross, vôlei de praia, basquete, handebol). A maior parte das histórias longas e tiras do personagem envolve a prática de esportes.

O personagem assim é apresentado por Anjos: "A personalidade do Benjamin Peppe e Sua Turma se adapta ao dia-dia cheio de transformações dos problemas sociais, que acabam virando piadas com uma boa dose de humor e até um pouco de poesia; seja em casa, no bate-papo do barzinho da moda, ou na praia praticando esportes saudáveis, ao lado de sua turminha jovem e moderninha, ingênua, cheia de fantasia, com gatinhas e gatões falando a linguagem deles, em uma praia conhecida ou imaginária, onde nascem e crescem até flores de tão despoluída".

Arte de
Dennis Oliveira
dennygalahan@gmail.com

LANÇAMENTO DEPOIS DA ESCURIDÃO MOZART COUTO



Um dos maiores quadrinistas de todos os tempos, Mozart Couto nos apresenta em "Depois da Escuridão" uma história de terror insólita emocionante, em 50 páginas magnificamente desenhadas. Lançamento exclusivo Atomic Quadrinhos! Imperdível!

Edição de luxo em formato 22x30, 52 páginas, pb, capa papel Reciclato 240g e miolo em Reciclato 90g. R\$ 25,00 com entrega simples incluída no valor.

Pedidos: fanzinequadrinhos@gmail.com

Conta para depósito:

Banco Bradesco

Agência 3140-2

Conta Corrente: 9460-9

INÉDITO! EXCLUSIVO!

ATOMIC
EDITORA INDEPENDENTE DE QUADRINHOS

ÉRAMOS 7

E. Figueiredo

Conforme Gênesis 2:24, de acordo com a palavra de Deus, a família tem de ser formada por pai, mãe e filhos. "Portanto, deixará o varão seu pai e sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne!" Vem os filhos e está formada uma família.

Cada um tem sua história e todos sonham com um lar feliz. Geralmente, os casamentos são feitos entre um homem e uma mulher nascidos e crescidos em lugares e costumes diferentes. São unidos pelo desejo de construir uma família.

E a minha família também tem a sua história!

Ao nascer o meu irmão caçula, passamos a ser uma família com 7 pessoas: meus pais e 5 irmãos. Sou o primogênito e só não me lembro da chegada do meu primeiro irmão porque eu tinha apenas um ano e sete meses de vida. Meu segundo irmão veio ao mundo quando eu estava com 6 anos; o terceiro, 11; e o quarto, 14.

A convivência familiar, em número de sete, durou até que meu primeiro irmão saiu de casa para "tentar a vida". Eu estava, então, com 18 anos. Quase dois anos depois foi a minha vez de buscar oportunidade de trabalho fora de casa, pois já tinha uma namorada e pensava em me casar.

Mesmo com nossas saídas de casa, o conceito de família unida permanecia. Continuávamos sendo 7 e esse espírito de unidade permanecia incólume.

Quando eu estava com 12 anos, mais ou menos, li o livro de Maria José Dupré, "Éramos Seis". Durante a leitura, instintivamente, comparava as personagens com os membros da minha família (a severidade do chefe da família, na estória, parecia um pouco com a do meu pai). Nessa época também éramos seis. Quando o caçula nasceu, passamos a ser sete.

Em número de sete vivemos até quando do primeiro falecimento de um dos membros da nossa família: minha Mãe. Eu tinha, então, 46 anos. Voltamos a ser seis...

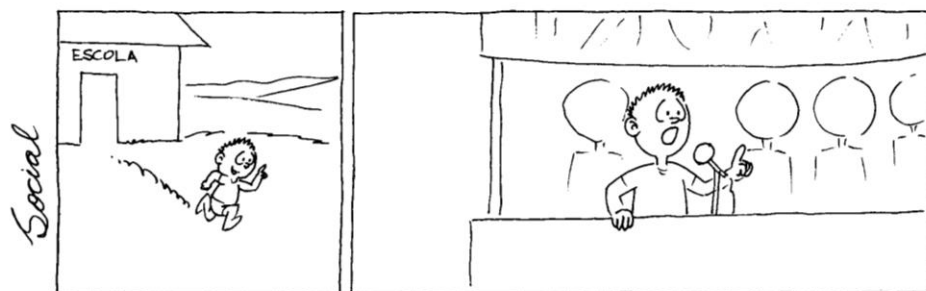
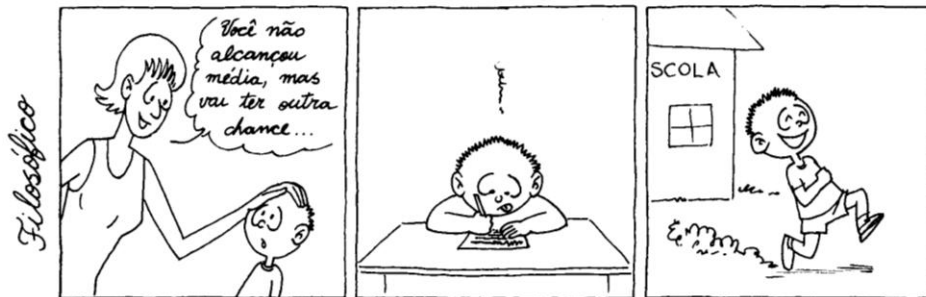
Depois foi meu pai... Cinco!

Em seguida meu primeiro irmão... Quatro!

Inesperadamente, agora, meu terceiro irmão foi-se embora... Três!

Éramos sete!

Fundamentos



Mais um trabalho feito para a Faculdade de Pedagogia, em meados dos anos 1980, com o tema Recuperação Escolar.

Poeta Vital

QUAL O SENTIDO DA VIDA?

QUALQUER ALUNO DE GINÁSIO,
QUE OUMU FALAR EM VETOR,
JÁ NÃO FAZ CONFUSÃO.
O SENTIDO DA VIDA É FÁCIL:
EM FRENTE, SEJA COMO FOR.
DURO É ACHAR A DIREÇÃO.



EU QUERO SABER É QUAL O
SIGNIFICADO DA VIDA!

O QUE LEVA A PENSAR
QUE A VIDA TEM UM SÓ SIGNIFICADO
PARA QUALQUER PESSOA?
SIGNIFICA A VIDA DE UM SACRIFICADO
O MESMO QUE A DE UM CARA'ADA?
PONHA-SE NO SEU LUGAR.



MAS O QUE VOCÊ QUER DIZER COM ISSO,
QUE MINHA VIDA NÃO VALE NADA?

ISSO EU NÃO POSSO DIZER,
SUA VIDA EU NÃO CONHEÇO.
VOCÊ QUE TEM QUE SABER
QUAL É O SEU PREÇO.
SE VAI NA VIDA PERMANECER
OU MUDAR DE ENDEREÇO...



VOCÊ ESTÁ INSINUANDO QUE EU NÃO
DEVERIA MAIS VIVER?

QUE SERVENTIA VOCÊ TEM NO MUNDO?
SÃO OUTROS QUE PRODUZEM
O QUE VOCÊ CONSUME?
É ÀS CUSTAS DOS OUTROS
QUE VOCÊ MATA SUA FOME?
PENSE NISSO A FUNDO!



MAS, DESSE JEITO, EU DEVERIA ME MATAR PARA
NÃO SER MAIS UM PESO PARA OS OUTROS...

SÓ POSSO FALAR POR MIM.
SÓ SEI NA VIDA FAZER POEMA.
SE NÃO PRODUZO O QUE MEREÇO,
SE O QUE GANHO É O QUE PEÇO,
NÃO ACHO ISSO PROBLEMA,
NÃO VAI SER ISSO MEU FIM!



VOCÊ ESTÁ CERTO! TENHO MESMO É QUE
VIVER MINHA VIDA COMO ELA É!

VEJA SÓ!
O QUE FALO AINDA PRODUZ ECO!
ACABO DE IMPEDIR ESSE SONGÓ
DE DESOCUPAR O BECO.



Chifal! Isto parece ser a nota para o tal casamento que o boss vai ter de officiar. É melhor guardar. O Lance a fazer de pastor... Já 'tou a ver! Vai ser uma cena de partir o côco!...

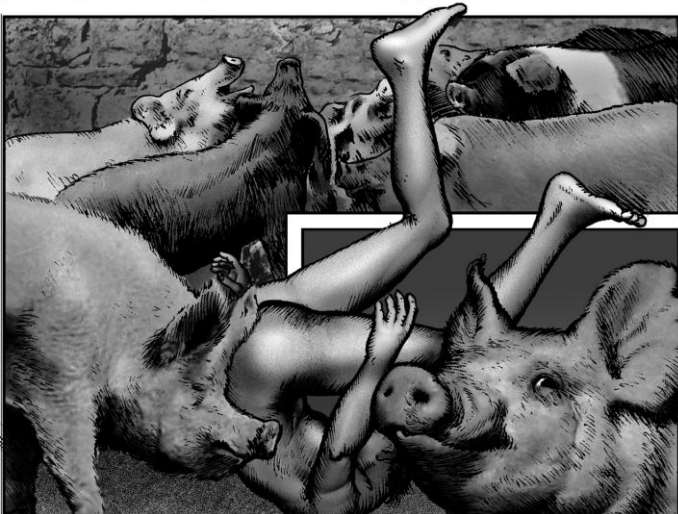
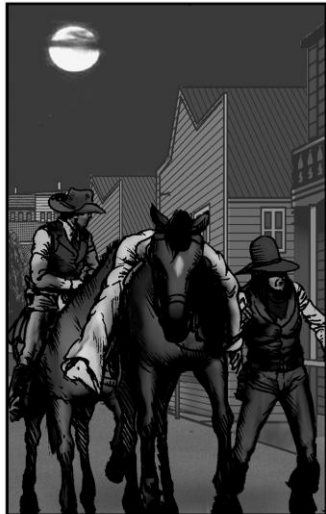
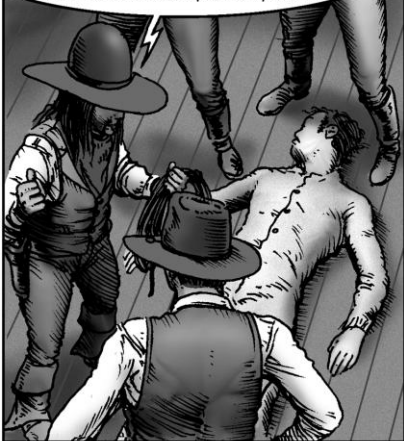


Pouco depois...

Muito bem, Chris. Não há praticamente sangue algum na roupa. Bom trabalho.

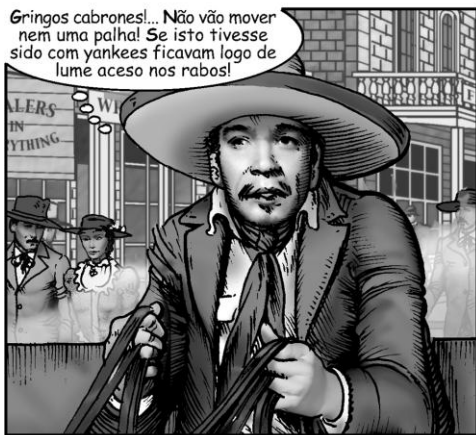
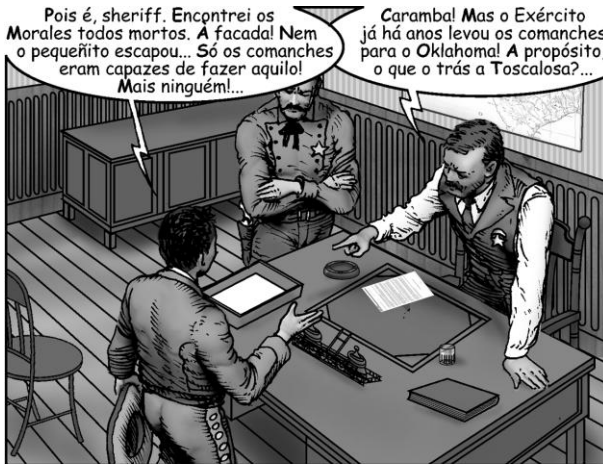
Claro. A faca cravada impediu o sangue de brotar...

Bem. Vamos a isto. Temos de lhe tirar a roupa toda e enrolar o gajo num lençol. O boss e o puto descem o corpo pela janela e eu e o Selig estaremos lá fora para o apanhar.



Shit! Very disgusting, indeed...

É mesmo! Estes bichos adoram carniça humana... E vão fazer um trabalhinho limpo... Não vai sobrar nem ossinho!



Diabo, sheriff! Isto já está a resvalar para o terrorismo! Não poderemos tolerar conflitos xenófobos, que nunca se sabe como vão acabar!



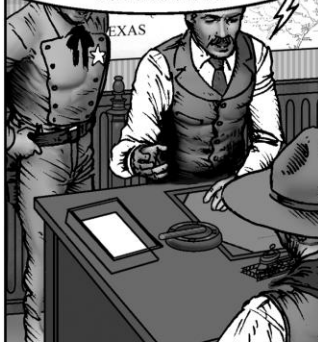
Concordo consigo, capitão. Mas, o que acha que devemos fazer? Não podemos prever onde irá dar-se o próximo ataque!



Terá esse tal mexicano ignorado algum detalhe importante ao relatar o incidente? Onde o poderemos encontrar, sabe?



Parece que vinha buscar um sacerdote de St. Louis, que está no Texas Belle Hotel para ir celebrar um casamento em Mesa Verde!



Um casamento? Em Mesa Verde? Interessante, sheriff...



Acho que devíamos ouvi-lo, Buster. Pode ser que se descubra alguma pista nova.



Parece-me razoável, Gabby. Vamos, então! Thanks, sheriff!



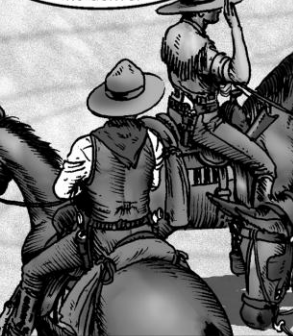
E vamos assim abandonar a caça aos ladrões de bancos?...



É uma questão de prioridades, Gabby! Não nos podemos arriscar a ter novos conflitos com o México agora!



Agunte aí os cavalos, homem! Precisamos falar consigo sobre o tal incidente!



Bueno, señor! E que mais querem saber los Rangers para além do que eu já disse?...



Rangers?!... Demónio! Será aquele gajo o tal Buster Crabb? Damn!... E eu com as armas dentro da mala!





Pedro. Já sabemos que pensas que foram os comanches os autores do massacre dos Morales... mas...

Si señor! Selvajaría daquelas só mesmo los comanches!



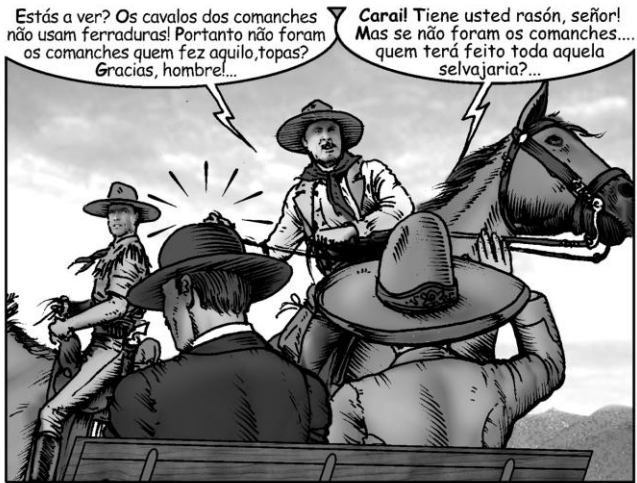
Bom. Mas viste decerto marcas de cascos de cavalos junto do rancho, hun? Muitas?...

Bueno... disso no estoy bien cierto, señor! Talvez cinco...seis... No estoy seguro...



E viste marcas sem ferraduras? Quantas?...

Bueno, señor. Todas as marcas que vi tinham ferraduras!



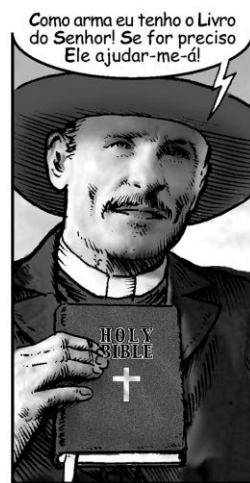
Estás a ver? Os cavalos dos comanches não usam ferraduras! Portanto não foram os comanches quem fez aquilo, topas? Gracias, hombre!...

Carail Tiene usted razón, señor! Mas se não foram os comanches... quem terá feito toda aquela selvajaría?...



Isso é o que vamos ver! Tenham cuidado! Vão armados, para o caso de terem maus encontros?...

Carail No señor!



Como arma eu tenho o Livro do Senhor! Se for preciso Ele ajudar-me-d!



Certo, reverendo. Mas eu sei, que você sabe que eu sei, que o Senhor ajuda sempre mais aqueles que se ajudam a si próprios. Adiós! Have a nice route, folks!...



Reparaste numa coisa?

Coisa?...
Que coisa?



Aquele Pregador.
Para religioso, achei-o
tenso demais...

Tenso? Bom. O importante
é que agora já sabemos que não
foram os índios os autores
do massacre.



Pois é. Tens alguma
outra pista para
seguirmos?

Suspeito que o sheriff O'Shea
sabe mais qualquer coisa para além
do que nos disse sobre aquele
assalto ao Federal Property
Office, estás a topar?



Bem. Sei que um punhado de antigos
"Texas Devils" se organizou como um
grupo de pressão particular...mas
isso torna-se espinhoso...

Yeap! Espinhoso,
delicado e perigoso.
Vamos apertar com
o O'Shea...

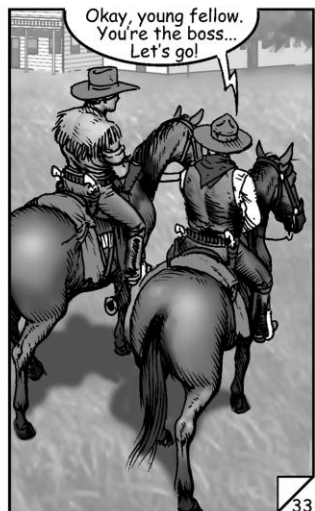


Então e os ladrões de bancos?
Vamos esquecer que ainda
andam por aí?

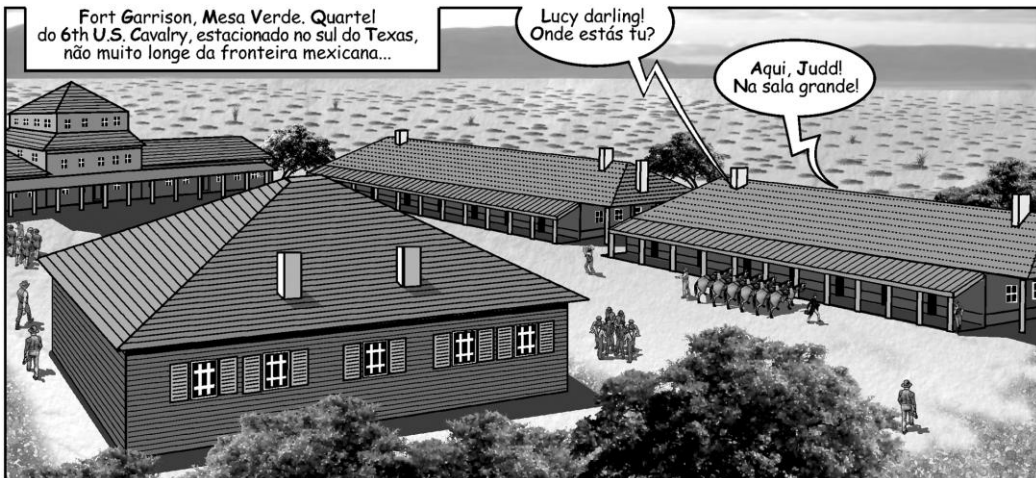
Nope!



Mas não podemos estar em dois
lados ao mesmo tempo, Gabby!
E este caso agora parece-me
mais urgente.



Okay, young fellow.
You're the boss...
Let's go!



Fort Garrison, Mesa Verde. Quartel do 6th U.S. Cavalry, estacionado no sul do Texas, não muito longe da fronteira mexicana...

Lucy darling! Onde estás tu?

Aqui, Judd! Na sala grande!



By Jove, darling! Já estás já a tratar da decoração?

Que diabo Judd Tramp! O casamento é daqui a dias, ou já te esqueceste? E o Pedro Leon deve estar por aí a rebanatar, trazendo com ele o Pastor Abe Murphy!



Claro que não me esqueci, darling. E o major Bragg também deve estar a aparecer com o dinheiro dos vencimentos, que foi levantar ao Banco de Toscalosa...



Só faltava mais essa! Já nem se lembrava que estamos no fim do mês...



Claro! O sargento tesoureiro sou eu, não te esqueças! Portanto é a mim que cabe fazer o pagamento dos vencimentos!

Bom. Vê se se livras disso tudo a tempo e horas, Judd!



Está bem, está bem! Mas bem vêes, dividir os quase 40 mil dólares por meio milhar de homens vai exigir tempo!





Tenho vindo a notar uma coisa inquietante, padrecito...

Sim?... E de que se trata, hombre?...



Alguém nos vem a seguir. Há sempre nuvens de pó no horizonte atrás de nós...

Ora, hombre... o Senhor proteger-nos-á do que quer que seja, descanse...



Pois é, sheriff. Segundo a informação que recolhemos, não foram os índios quem massacraram os Morales...

Mas de certo, capitão Crabb! A tropa levou os comanches para reservas no Oklahoma. Estão agora muito longe, portanto.



Que opinião tem da chamada "Former Texas Devils' Association", sheriff? Acha que terá alguma coisa a ver com este caso?



Bem... "los Diablos Texanos", como lhe chamavam os mexicanos... não creio que eles actuem a esse nível, capitão. Sinceramente!



Mas talvez fosse útil uma visita às suas instalações e fazer-lhes algumas perguntas, não lhe parece?...

Bom. Temo que isso nos possa trazer mais problemas do que soluções...